CIDADE DE
SÃO PAULO

SALA DE LEITURA

VIVÊNCIAS, SABERES E PRÁTICAS

SÃO PAULO | 2020

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO

SALA DE LEITURA

VIVÊNCIAS, SABERES E PRÁTICAS

SÃO PAULO | 2020

CIDADE DE SÃO PAULO

COORDENADORIA PEDAGÓGICA – COPED
Daniela Harumi Hikawa - Coordenadora

NÚCLEO TÉCNICO DE CURRÍCULO – NTC
Wagner Barbosa de Lima Palanch - Diretor

EQUIPE ADMINISTRATIVA – NTC
Ademir Aparecido da Silva
Carla Regina Marchioreto Urbano
Juliana Bauer de Oliveira Pimentel
Luana Louise de Figuerêdo Fernandes

NÚCLEO DE SALA DE LEITURA
Edileusa Andrade de Carvalho Araujo Costa
Maria Olivia Chaves Spinola

SISTEMA DE GESTÃO DE ACERVOS – SGA
Maria Selma Oliveira Maia

ORGANIZADORES
Wagner Barbosa de Lima Palanch
Edileusa Andrade de Carvalho Araujo Costa
Nágila Euclides da Silva Polido

ASSESSORIA PEDAGÓGICA
Idméa Semeghini Siqueira
Jose Nicolau Gregorin Filho

CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DE TEXTOS
Edileusa Andrade de Carvalho Araújo Costa
Idméa Semeghini Siqueira
Jose Nicolau Gregorin Filho
Nágila Euclides da Silva Polido

LEITORES CRÍTICOS
Adriana Carvalho da Silva
Felipe de Souza Costa
Katia Gisele Turollo do Nascimento
Roberta Cristina Torres da Silva
Viviane Aparecida Costa

REVISÃO TEXTUAL
Roberta Cristina Torres da Silva
Daniel Carvalho de Almeida

COLABORADORES
Tathiane Graziela Hamada Cipullo – Formadora de POSL - DRE BT
Elaine Silva Lacerda – Formadora de POSL - DRE CL
Cleomar de Souza Lima – Formador de POSL - DRE CL
Daniele Cristina de Lima – POSL - DRE CL
Deusdete Cássio de Jesus – POSL - DRE CS
Luciene Aparecida Grisolio Cioffi – Formadora de POSL - DRE CS
Sidnéia Aparecida Ferreira de Souza – POSL - DRE CS
Roberto Antonio Maciel – Formador de POSL - DRE FB
Paula Lima Santos – Coordenadora Pedagógica - DRE G
Rosana Soares Godinho – Formadora de POSL - DRE G
Thatiana Rodrigues Dos Santos – POSL - DRE G
Erika Nadal Ferreira Rodrigues – POSL - DRE IP
Francisco Fabiano Dantas Santos – Formador de POSL - DRE IP
Andreza Sales Nascimento – POSL - DRE IQ
Diogo Lázaro de Araújo – DRE IQ
Lúcia Ramalho Nunes Munis – Formadora de POSL - DRE IQ
Vanessa do Nascimento Vicentini – Formadora de POSL - DRE IQ
Ivan Venturini – Formador de POSL - DRE JT
Thalita Garcia Lopes – Formadora de POSL - DRE PE
Patrícia Zerino Aguillera – Formadora de POSL - DRE PJ
Silvia Marisa Torres Gonçalves – POSL - DRE PJ
Alessandra Silva de Souza – POSL - DRE SA
Claudia Gonçalves da Silva – Formadora de POSL - DRE SA
Alessandra de Oliveira Freitas – POSL - DRE SM
Girséley Alexandre Gonçalves Sato – Formadora de POSL - DRE SM
Maria do Socorro César Freitas – DRE SM
Michele Pereira Santana – DRE SM
Arlete Machado Fernandes Higashi – POSL - DRE MP
Marizete Azzolini – POSL - DRE MP
Taciane Pereira Quadrado Lopes – Formadora de POSL - DRE MP

PROJETO EDITORIAL

CENTRO DE MULTIMEIOS
Magaly Ivanov - Coordenadora

NÚCLEO DE CRIAÇÃO E ARTE
Ana Rita da Costa - Direção de Arte
Angélica Dadario
Cassiana Paula Cominato
Fenanda Gomes Pacelli
Simone Porfirio Mascarenhas - Projeto Gráfico e Ilustração

FOTO DA CAPA
Laudiane Lira

Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remixe, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido.

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo recorre a diversos meios para localizar os detentores de direitos autorais a fim de solicitar autorização para publicação de conteúdo intelectual de terceiros, de forma a cumprir a legislação vigente. Caso tenha ocorrido equívoco ou inadequação na atribuição de autoria de alguma obra citada neste documento, a SME se compromete a publicar as devidas alterações tão logo seja possível.

Disponível também em: <educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.
Sala de leitura : vivências, saberes e práticas. – São Paulo : SME / COPED, 2020.
122 p. : il.

Inclui anexos
Bibliografia
ISBN: 978-65-88021-15-6 (livro físico)
ISBN: 978-65-88021-16-3 (livro digital)

1. Leitura. 2. Educação e ensino. 3. Salas de leitura – Relatos de prática. I. Título.

CDD 372.4

Código da Memória Documental: SME181/2020
Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede – CRB-8/5877

Aos leitores e leitoras, educadores e educadoras da Rede Municipal de Ensino de São Paulo

O Programa Salas e Espaços de Leitura, ao longo destes 48 anos, traz para a vida dos estudantes, educadores e comunidade escolar, a perspectiva do ser humano integral. Para além dos direitos garantidos à educação, saúde, trabalho, entre outros, há o direito inalienável à Literatura. Este direito permite ao ser humano entrar em tantas realidades diversas, às vezes encobertas. Para a Literatura, não há invisibilidade; com ela e nela, todo ser é visto e a humanização acontece.

Nestas páginas, vocês encontrarão percursos materializados, com princípios e diretrizes que estão em documentos municipais e federais, os quais compõem a história do Programa Salas e Espaços de Leitura. Referimo-nos a um Programa com política pública longeva e abrangente, que compreende a importância da formação de leitores para todos: bebês, crianças, jovens e adultos. Assim, os Espaços e Salas de Leitura, na sua gênese, trabalham numa perspectiva de educação inclusiva, equitativa e integral.

O propósito deste documento é mostrar a trajetória do Programa, por meio da contribuição de tantos Professores Orientadores de Sala de Leitura ao longo destas décadas, bem como a formação de sua identidade, a importância da formação continuada oferecida pela Rede Municipal de Ensino, a orientação aos POSLs em seus fazeres pedagógicos, considerando os territórios, já que vivências e experiências estão contextualizadas nele, com suas características e necessidades.

Trata-se, portanto, de um documento que se atualiza todos os dias nas diferentes regiões e nos territórios da cidade, parte de um processo que passará por transformações e qualificações, a partir das contribuições vindas da prática. Sua participação, educadora e educador, é fundamental para que os próximos capítulos desta história ganhem vida!

Secretaria Municipal de Educação

Aula de Leitura

Ricardo Azevedo, 1999

A leitura é muito mais
do que decifrar palavras.
Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender:
vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;
nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;
e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;
na cara do lutador,
quando está sentindo dor;
vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;
e no pelo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;
e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;
e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou vai lento;
também na cor da fruta,
e no cheiro da comida,
e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,
e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,
vai ler nas nuvens do céu,
vai ler na palma da mão,
vai ler até nas estrelas
e no som do coração.
Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos têm segredos
difíceis de decifrar.

Sumário

Introdução ___ 9

1 —— Programa Salas e Espaços de Leitura ___ 13

1.1 Diretrizes e finalidades ___ 14
1.2 O percurso do Programa Salas e Espaços de Leitura e a identidade do POSL ___ 19
1.3 Salas e Espaços de Leitura: espaço e ambiente ___ 26

2 —— O POSL como mediador de leitura ___ 31

2.1 Mediação de Leitura nas Salas e Espaços de Leitura ___ 32
2.2 Formação e atribuições do POSL ___ 37
2.3 Subsídios para a organização do trabalho do POSL ___ 40
2.3.1 Diretrizes para organização do trabalho pedagógico ___ 42

3 —— Sala de Leitura: leitura, literatura e leitores ___ 71

3.1 Leitura na Sala de Leitura ___ 73
3.2 Infância e adolescência: abordagem histórico-cultural ___ 75
3.3 Literatura ___ 76
3.4 Literatura infantil/juvenil: questões conceituais e históricas ___ 77
3.5 A Literatura na escola: relação com a história e a cultura ___ 78
3.6 Os sujeitos leitores de Literatura na escola ___ 82
3.7 Os sujeitos leitores: multiplicidade e movimento ___ 84
3.8 A escolha de um livro de Literatura Infantil/Juvenil ___ 86

Referências___89

Anexo A___97

Conto_____99
Crônica_____99
Fábula_____99
Intertextualidade_____100
Literariedade_____100
Novela_____100
Romance_____101
Suporte Textual_____101
Texto_____101

Anexo B___102

Conhecendo o leitor_____104
Descobrindo o acervo_____105
Roda de conversa_____106
Leitura de outras Artes_____106
Musicando textos_____107
Vitrine de livros_____109
Mural de indicações_____109
Dramatização_____110
Júri simulado_____111
Eu, personagem_____112
Mudando a história_____113
Literatura em códigos_____113
Podcast Literário_____114
Videotexto_____114
Jardim de poemas_____115
Grafite das Letras_____116
Contação de histórias_____117

Introdução

A valorização da leitura e da literatura não é recente para a Secretaria Municipal de Educação (SME). Atualmente, materializa-se por meio do Currículo da Cidade e de seus desdobramentos nas ações, programas e projetos desenvolvidos na Rede Municipal de Ensino (RME), que buscam a universalização da cultura, da escrita e da leitura. Dentre as ações que envolvem a leitura, destaca-se especialmente o Programa Salas e Espaços de Leitura, pela sua longevidade e abrangência do ponto de vista estrutural e por suas diretrizes e finalidades, que se apoiam na compreensão da leitura como prática social e da literatura como objeto artístico e cultural ao qual todos têm direito, tendo em vista sua função humanizadora.

Por meio da articulação dessas diretrizes e dos conceitos que norteiam o Currículo da Cidade, sua Matriz de Saberes e seus objetivos, que visam ao desenvolvimento integral dos estudantes, o fortalecimento das políticas de equidade e de educação inclusiva, o Programa Salas e Espaços de Leitura parte da concepção da leitura como um ato que não se esgota na palavra escrita, mas que se antecipa e se alonga na compreensão do mundo (FREIRE, 1984).

No campo da literatura, o Programa Salas e Espaços de Leitura fundamenta-se na perspectiva da literatura como uma necessidade universal que precisa ser satisfeita, um bem humanizador, cujo poder está em dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, organizando-nos internamente e sendo um fator imprescíndivel de equilíbrio psíquico e de equilíbrio social (CANDIDO, 2004).

Vale apontar que o caráter educativo da literatura tem sido objeto de reflexões a partir de vários pontos de vista (BAJOUR, 2012; COLOMER, 2007; LAJOLO, 1982; REYES, 2012; ZILBERMAN, 1991; ZILBERMAN e SILVA, 2008). Dentre outras questões, essas discussões orientam para a necessidade de não se abordar o texto literário apenas pelo viés pedagógico, pois isso o colocaria, muitas vezes, na condição de estar a serviço de um conhecimento externo, limitando-o a uma função didática. Tampouco é o caso de abordar a literatura apenas pelo viés do prazer, evitando-se, assim, o risco de atribuir-lhe apenas uma função recreativa e classificá-la como algo de que podemos prescindir. O ponto de equilíbrio parece ser aquele apontado sinteticamente por Lajolo (*apud* REYES: 2012, p. 9):

> *[..] literatura não se faz com boas intenções, não tem compromissos com modismos, não é para dar lições de vida, e muito menos para reforçar conteúdos escolares. Literatura é linguagem.*

Assim, o caráter educativo da literatura prevalece na sua abordagem como linguagem artística, pois é por meio da sua fruição que envolve aspectos de sua forma, seu conteúdo e suas relações com as emoções e a realidade do leitor. Afinal, é por meio desses elementos que ela cumpre sua função humanizadora.

A abordagem da leitura e da literatura como direitos não permite que elas sejam limitadas a uma visão idealizada, mas atende também a uma visão mais crítica e de dimensão mais pragmática, já que o trabalho com a leitura literária na escola fomenta a prática de leitura e disponibiliza os instrumentos que permitem ao estudante situar-se de maneira competente no mundo da linguagem.

Essa é a perspectiva compartilhada pelo Programa Salas e Espaços de Leitura, que identifica a leitura e a literatura como fatores determinantes para uma educação de qualidade, visando à formação integral e à constituição da cidadania do estudante e, como consequência, à construção de uma sociedade mais justa.

Para atingir esse propósito, considerando os conceitos norteadores e todo o processo de consolidação do Programa, as ações e projetos das Salas e Espaços de Leitura são organizados por meio de atividades de leitura com fruição de textos literários em que o livro, a literatura e o texto são abordados como objetos em si.

O desenvolvimento desse trabalho requer um educador que, mais que um profissional engajado na promoção da leitura, seja um mediador de leitura, alguém que esteja envolvido e preparado para contribuir no processo de formação e de humanização dos leitores por meio da literatura, com um perfil muito semelhante àquele descrito por Reyes (2012, p. 28):

> *Um professor de leitura é, simplesmente, uma voz que conta; uma mão que abre portas e traça caminhos entre a alma dos textos e a alma dos leitores. E para fazer seu trabalho não deve esquecer que, para além de professor, é também um ser humano, com zonas de luz e sombra, com uma vida secreta e uma casa de palavras que têm sua própria história. Seu trabalho, como a literatura mesma, é risco e incerteza. Seu ofício privilegiado é, basicamente, ler. E seus textos de leitura não são apenas os livros, mas também os leitores. Não se trata de um ofício, mas de uma atividade de vida. Não figura em dicionários nem nos textos escolares, tampouco no manual de funções, mas pode ser ensinado. E essa atitude será o texto que os alunos irão ler. Quando saírem do colégio e esquecerem datas e nomes, poderão recordar a essência dessas conversas de vida que se teciam entre as linhas. No fundo, os livros são isto: conversas sobre a vida. E é urgente, sobretudo, aprender a conversar.*

Com esta publicação, a SME tem como proposta dar prosseguimento ao diálogo que se iniciou há quase cinco décadas, com a implementação do Programa Salas e Espaços de Leitura. O que se pretende é compartilhar algumas concepções, conceitos e práticas que potencializem as leituras e as conversas sobre elas, que são concretizadas no dia a dia das Salas e Espaços de Leitura, entre os professores que atuam como mediadores de leitura, os estudantes e a comunidade.

Assim, buscando apresentar e qualificar a atuação do POSL e dos demais professores mediadores de leitura dentro dos princípios e objetivos do Programa Salas e Espaços de Leitura, o Capítulo 1 esclarece a configuração, diretrizes e finalidades do Programa Sala e Espaço de Leitura, apresentando em linhas gerais, o contexto atual desses ambientes nas Unidades Educacionais e os aspectos fundamentais na trajetória de constituição e consolidação do Programa, suas contribuições no processo de construção da identidade do POSL como mediador de leitura e seus desdobramentos nas Unidades Educacionais. Também indica de que modo o Currículo da Cidade está articulado às ações desenvolvidas nas Salas e Espaços de Leitura. Traz uma reflexão sobre o que é ambiente e espaço, considerando o acolhimento dos estudantes e algumas possibilidades para a constituição do ambiente, tendo em vista que é um elemento pedagógico. O Capítulo 2 aborda reflexões sobre a atuação do POSL como mediador de leitura no contexto escolar, apresenta subsídios para organização do trabalho, as modalidades organizativas na aula de Sala de Leitura, os projetos da Sala de Leitura, ações e atividades, aspectos da formação e atribuição do POSL.

O Capítulo 3 potencializa as concepções de leitura, leitor e literatura que estão apresentadas nos capítulos anteriores, as quais dialogam com os princípios e diretrizes do Programa Salas e Espaços de Leitura e conceitos norteadores do Currículo da Cidade.

Há dois anexos: A – Conceitos usados no contexto da Literatura e B – Algumas possibilidades de estratégias e atividades para o trabalho pedagógico na Sala de Leitura.

1

Programa Salas e Espaços de Leitura

O Programa Salas e Espaços de Leitura inclui-se na política municipal de leitura, atualmente sintetizada no Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca (PMLLLB – Lei Municipal nº 16.333/2015) e no Plano Municipal de Educação (Lei Municipal nº 16.271/15). As Salas e Espaços de Leitura constituem um programa de incentivo à leitura e à formação de leitores, sejam eles bebês, crianças, adolescentes, jovens ou adultos, que articula projetos e ações de leitura concretizados nas Unidades Educacionais da Secretaria Municipal de Educação (SME). É uma experiência, além de pioneira, bem-sucedida em termos de permanência e abrangência do programa, já que tem continuidade na Rede Municipal de Ensino (RME) há quase cinco décadas e atende todas as modalidades de ensino. Esse é um dado importante quando se trata de um país como o nosso, com imenso território, em que muitos projetos educacionais não têm continuidade por razões diversas.

Para entender melhor o contexto e a abrangência do Programa Salas e Espaços de Leitura da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, cabe destacar o que configura um programa. Grosso modo, um programa que focaliza a leitura está articulado a uma política pública de leitura, que é a materialização das intenções do governo com vistas a responder à problematização sobre a leitura e a formação de leitores levantada pela sociedade em geral, ou seja, é a forma como uma esfera do governo se organiza para atender a uma demanda social. A partir dos grandes objetivos traçados e estratégias adotadas pela política pública de leitura, são formulados os programas, que podem articular uma diversidade de projetos e ações. Para saber mais, consulte o link: http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/politicas-publicas-de-leitura-literaria

Fundamentando-se na perspectiva freireana da leitura como um ato que vai além da palavra escrita e se estende à "palavramundo" e da literatura como um direito humano inalienável, o Programa Salas e Espaços de Leitura procura ampliar as práticas de leitura literária oferecidas aos estudantes da RME, garantindo o acesso aos livros, à leitura e à literatura.

1.1 Diretrizes e finalidades

Atualmente normatizado pelo Decreto da Secretaria do Governo Municipal nº 49.731/2008 e pela Instrução Normativa da Secretaria Municipal de Educação nº 34/2019, o Programa Salas e Espaços de Leitura caracteriza-se pela disponibilização de um ambiente especialmente organizado para práticas de leitura, contando com acervo diversificado, mas com predominância de obras literárias, estando circunscrito, atualmente, às 561 Salas de Leitura das Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs), Ensino Médio (EMEFMs) e de Ensino Bilíngue para Surdos (EMEBSs), aos Espaços de Leitura dos Centros de Educação Infantil (CEIs), Centros de Educação Infantil Indígena (CEIIs), Escolas de Educação Infantil (EMEIs), Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEIs), Centros

Integrados de Educação de Jovens e Adultos (CIEJAs) e aos Núcleos de Leitura das Diretorias Regionais de Educação (DREs).

Os estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e das turmas de Educação de Jovens e Adultos das EMEFs, EMEFMs e EMEBSs têm pelo menos uma aula semanal no horário regular, prevista na Matriz Curricular, além da possibilidade de participação em projetos de leitura desenvolvidos nas Unidades Educacionais no contraturno dos estudantes.

A aula semanal para atendimento de todas as turmas do Ensino Fundamental e Médio da RME, que garante o acesso aos livros e à literatura para todos os estudantes dessas modalidades de ensino e a mediação de leitura feita por um professor que tem sua prática orientada, principalmente pela leitura literária, são conquistas significativas das Salas de Leitura e que foram concretizando-se no percurso de quase cinco décadas.

Na sua trajetória, assim como a concepção de leitura, o Programa Salas e Espaços de Leitura vem acompanhando as mudanças enfrentadas pela RME, ajustando-se a novas funcionalidades e demandas e consolidando-se cada vez mais como programa diferenciado para vivenciar a leitura e a literatura e para promover a aprendizagem por um viés mais aberto à fruição literária e a outras linguagens.

O percurso da Sala de Leitura e a atuação do POSL anteciparam e, atualmente, dialogam com aspectos apontados pelo Currículo da Cidade, fundamentando-se nos conceitos orientadores de Educação Integral, Equidade e Educação Inclusiva. Cabe destacar que as diretrizes e finalidades do Programa e, sobretudo, o seu objeto por excelência - a leitura literária - não podem ser dimensionados em uma proposta curricular específica, já que a concepção da literatura como um direito inalienável e fator de humanização, perspectiva que permeia todas as ações das Salas e Espaços de Leitura, concretiza-se na integração de todas as áreas do conhecimento.

O ponto determinante de articulação/integração do Programa Salas e Espaços de Leitura com o Currículo da Cidade é a Matriz de Saberes, que orienta as formações direcionadas às equipes técnicas e aos professores da SME, no sentido de garantir os saberes imprescindíveis, apresentando a seleção e organização das aprendizagens a serem asseguradas ao longo de todas as etapas e modalidades da Educação Básica, além de fomentar novas possibilidades de práticas pedagógicas. Suas referências fundamentais apontam para o exercício da cidadania responsável, buscando a construção de uma sociedade mais igualitária, justa, democrática e solidária. Ao mesmo tempo, a Matriz de Saberes reconhece "a importância de se estabelecer uma relação direta entre a vida e o conhecimento sobre ela e de se promover a pluralidade e a diversidade de experiências no universo escolar" (Currículo da Cidade, 2019, p. 30).

MATRIZ DE SABERES

Secretaria Municipal de Educação - SP

Nesse sentido, o Programa Salas e Espaços de Leitura potencializa a Matriz de Saberes, pois suas diretrizes e finalidades articulam-se aos saberes nela elencados ao privilegiar a leitura e a literatura como fatores primordiais de humanização, da garantia de direitos e do exercício da cidadania.

O Programa fundamenta-se nas seguintes diretrizes:

- Literatura como um direito inalienável, pois se trata de uma necessidade profunda do ser humano que precisa ser satisfeita. A literatura é fator de humanização na medida em que promove o equilíbrio psíquico e o equilíbrio social por meio da sensibilização do estudante no plano ético e estético e da reflexão sobre a natureza, a cultura e a sociedade, possibilitando novas leituras da realidade e o desenvolvimento da história e das culturas.

- Leitura do mundo precedente à leitura da palavra, indicando que a leitura começa antes do contato com o texto e vai para além dele. Parte-se do entendimento do acesso à leitura como condição para estar no mundo e relacionar-se criticamente com ele, garantindo o exercício pleno da cidadania.

O Currículo da Cidade orienta-se pela **Educação Integral**, entendida como aquela que promove o desenvolvimento dos estudantes em todas as suas dimensões (intelectual, física, social, emocional e cultural) e a sua formação como sujeitos de direito e deveres.
O conceito de **Equidade** compreende e reconhece a diferença como característica inerente da humanidade, ao mesmo tempo em que desnaturaliza as desigualdades.
A ideia de **Educação Inclusiva** sustenta-se em um movimento mundial de reconhecimento da diversidade humana e da necessidade contemporânea de se constituir uma escola para todos, sem barreiras.
Currículo da Cidade Ensino Fundamental - Língua Portuguesa (2019, p. 14)

- Garantia da bibliodiversidade, de modo a dar visibilidade a outras formas de compreender a realidade e de se posicionar cultural e socialmente, possibilitando ao leitor novas perspectivas sobre si, o outro e o mundo.

- Currículo da Cidade como base para a consecução dos conceitos de educação integral, equidade e educação inclusiva, como forma de concretização das demais diretrizes, apoiando-se na dialogicidade do trabalho pedagógico e na articulação entre as áreas do conhecimento.

A função humanizadora da literatura, princípio e diretriz do Programa Salas e Espaços de Leitura, indica que a leitura de textos literários promovida nesses ambientes será de fruição, sendo o livro, a literatura e o texto abordados como objetos em si, e não apenas como pretextos para a aprendizagem de um objeto do conhecimento.

Os objetivos do Programa Salas e Espaços de Leitura preveem:

Nas Salas de Leitura:

- Oferecer atendimento aos estudantes das Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEFs), Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Médio (EMEFMs) e Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos (EMEBSs).

- Despertar nos estudantes o interesse pela leitura, por meio da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário e pela interação com textos dos mais diversos gêneros do discurso, especialmente aqueles da esfera literária (contos, crônicas, lendas, fábulas, poemas), em diferentes portadores e linguagens, potencializando o desenvolvimento do comportamento leitor.

- Promover o acesso à produção literária em toda a sua diversidade.

Nos Espaços de Leitura:

- Oferecer atendimento aos bebês e crianças nos Centros de Educação Infantil (CEIs), Centros de Educação Infantil Indígenas (CEIIs), Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEIs) e nas Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEIs), priorizando atividades que favoreçam o contato com os livros e com outros materiais próprios da cultura escrita, possibilitando vivência agradável e acolhedora de práticas sociais de leitura, que colaborem com o desenvolvimento integral voltado para a primeira infância.

- Oferecer aos estudantes nos Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos (CIEJAs) atividades que favoreçam o contato com os livros, com outros portadores de escrita e materiais diversificados, considerando os interesses e expectativas dos jovens e adultos, possibilitando vivência de práticas sociais de leitura.

A partir dessas diretrizes e objetivos, o Programa Salas e Espaços de Leitura promove o desenvolvimento da leitura como prática para além dos muros da escola. O POSL atua como mediador dessas práticas, buscando ampliá-las ao desencadear ações de leitura em equipamentos culturais do entorno (CEUs, bibliotecas, parques, casas de cultura etc.). É justamente por se constituir como um ambiente com atividades diferenciadas na Unidade Educacional que a Sala de Leitura, com o POSL e o Espaço de Leitura, com o professor mediador de leitura, ampliam as oportunidades de aprendizagem dos estudantes, bebês e crianças, percebendo-os como sujeito na sua integralidade. Na sua especificidade, as Salas e Espaços de Leitura redimensionam o contexto de leitura na escola, promovendo o comportamento leitor por meio da vivência de situações que estão mais próximas das práticas sociais de leitura.

Para conhecer melhor a trajetória do Programa Salas e Espaços de Leitura e algumas práticas dos POSLs, verifique a publicação 45 anos Sala e Espaço de Leitura (2017), disponível no acervo das Salas de Leitura e em: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/45575.pdf

É possível perceber, quando observamos a trajetória do Programa Salas e Espaços de Leitura, como as experiências diversificadas, as trocas de práticas e conhecimentos efetivados, os avanços e os ajustes realizados na organização das Salas e Espaços de Leitura e na atuação dos POSLs contribuíram para a constituição das concepções que norteiam o Programa.

Para compreender melhor o papel atualmente desempenhado pelas Salas e Espaços de Leitura e pelos POSLs nas Unidades Educacionais, é importante retomar o percurso de consolidação do Programa, da construção da identidade do

POSL como mediador de leitura e os seus desdobramentos nas práticas de leitura desenvolvidas nas Unidades Educacionais.

1.2 O percurso do Programa Salas e Espaços de Leitura e a identidade do POSL

A implantação do Programa Salas e Espaços de Leitura coincidiu com um período – entre as décadas de 1970 e 1980 – em que várias pesquisas foram publicadas alertando para uma "crise da leitura". É importante lembrar que a década de 1960 é o marco da "democratização do ensino" no Brasil e que o ingresso da diversidade de estudantes na sala de aula, como um fato novo, não estava recebendo nenhum tratamento especial em um país com imensas desigualdades sociais até hoje mantidas. Há vários registros dessa "crise inicial da leitura", resultante de pesquisas (PERROTTI, 1990; SEMEGHINI-SIQUEIRA, 2006; SILVA, 2000; ZILBERMAN, 1991).

É nesse período conturbado na história da educação brasileira, mas imprescindível por alavancar transformações, que surge, em 1972, o Programa Salas e Espaços de Leitura na RME, como projeto piloto para entrosamento funcional entre a Escola Municipal Maria Antonieta D'Alkmin Bastos e a Biblioteca Infantojuvenil Anne Frank, com o objetivo de desenvolver nos estudantes as habilidades de leitura e os procedimentos para pesquisa, com a atuação conjunta de professores e bibliotecários. Tendo em vista a avaliação positiva do projeto, no ano seguinte a experiência foi instituída como Programa Escola-Biblioteca por meio do Decreto nº 10.541/1973, ampliando-se para outras Unidades Educacionais e Bibliotecas.

A partir de 1975, foram introduzidas algumas alterações estruturais significativas como a designação de um professor responsável que participasse de formações específicas para a função, então denominado Professor Encarregado da Sala de Leitura (PESL), bem como a normatização para a organização e o funcionamento de Salas de Leitura dentro das escolas, já que havia poucas Unidades Educacionais com bibliotecas públicas geograficamente próximas. Essas mudanças acabariam por caracterizar o Programa Salas e Espaços de Leitura para o Ensino Fundamental e Médio até hoje. Nos anos seguintes, as Salas de Leitura ganharam volume e se integraram à estrutura das escolas, com as classes de 2ª à 8ª série atendidas pelo PESL, sendo os estudantes de 2ª à 4ª série em horário regular de aula. Nessa primeira década, as atribuições do PESL, em sua maior parte, estavam relacionadas a questões técnicas e administrativas da organização da Sala de Leitura e do acervo e a ação pedagógica era voltada predominantemente para a aplicação das atividades de leitura dirigida por fichas, elaboradas pela equipe da SME, com objetivo de

desenvolver habilidades de compreensão de leitura, numa abordagem pertinente ao contexto do período, cujos modelos de análise pendiam para uma visão mais mecanicista (SILVA, 2000).

Na década seguinte, já como resultado do diagnóstico de uma crise da leitura, outras perspectivas foram sendo adotadas. Um aspecto importante é que, ao longo da década 1970, o mercado editorial brasileiro, sobretudo o segmento dos livros infantis, teve um aumento significativo de lançamento de títulos e autores, resultado de uma mobilização do Estado no apoio a entidades envolvidas com livros e leitura (LAJOLO e ZILBERMAN, 2002). Assim, novas temáticas (migração, urbanização) e gêneros (suspense, ficção científica), mais próximos da realidade das crianças e adolescentes da época, foram, aos poucos, incorporados à literatura destinada ao público infantil e juvenil e incluídas nos acervos escolares. As Salas de Leitura começaram a se institucionalizar na RME e a se adaptarem a uma abordagem que tinha o desenvolvimento do gosto pela leitura e o prazer de ler como aspecto mais relevante.[1]

Em 1983, o Setor de Atividades Escola-Biblioteca passou a ser denominado Setor de Atividades de Sala de Leitura, sendo estabelecida meta de criação e instalação gradativa de 300 Salas de Leitura nas Escolas Municipais de 1º Grau por meio do Decreto nº 18.576/1983 e prevendo, para cada uma delas, além da disponibilização de acervo inicial, um professor efetivo designado como PESL, escolhido pelo corpo docente (não mais indicado pela gestão) entre os professores de nível I e II em efetivo exercício, para atender como atividade complementar os estudantes de todas as séries e componentes curriculares.

Determinadas ações, como a retirada das atividades com fichas de leitura dirigida das propostas, em 1985, e a maior relevância dada às atividades de leitura livre, hora do conto e empréstimo nas atribuições dos PESLs, ilustram uma nova perspectiva que, aos poucos, foi se alinhando às discussões sobre leitura e literatura que se destacavam na época, que valorizavam a formação do leitor crítico e já se amparavam em Paulo Freire (1984, p. 11) no sentido de entender que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra". Ainda que se tratasse do trabalho a partir do gosto pela leitura, foram acrescidos aspectos que levavam em conta o diálogo do texto com o leitor, o que inclui a sua história pessoal e seu contexto, além das circunstâncias de leitura. Assim, uma concepção mais tecnicista foi se desdobrando em outra abordagem mais ampla, sintetizada por Martins (1989, p. 31), que indica a leitura como "um processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve

1 PERROTTI (1990) indica que, até o início da década de 1980, muitas das ações que tinham abordagem do ponto de vista do "prazer" e da "animação" como instrumento de promoção da leitura limitavam-se a questões sobre como despertar o "interesse" do leitor e garantir a "competência" do mediador em aplicar técnicas que estimulassem esse interesse na criança. Assim, propunha-se que, se o mediador utilizasse de forma competente as técnicas que teoricamente garantissem o interesse, as crianças automaticamente se tornariam leitoras.

componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, bem como culturais, econômicos e políticos".

À medida que os estudos sobre a leitura avançavam e passavam a perceber o leitor como o sujeito na construção do sentido do texto (BATISTA e GALVÃO, 1999), novas perspectivas se abriram ao Programa Salas e Espaços de Leitura, exigindo uma revisão do perfil do Professor Encarregado da Sala de Leitura. É ainda Martins (1989), referência frequente nas formações dos PESLs no período, quem esboça a função desse educador, que começa a se aproximar da figura do mediador de leitura:

> *Aliás, o papel do educador na intermediação do objeto lido com o leitor é cada vez mais repensado; se, da postura professoral lendo* ***para e/ou pelo*** *educando, ele passa a ler com, certamente ocorrerá intercâmbio das leituras, favorecendo a ambos, trazendo novos elementos para um e outro.*
>
> *[...] Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias. (MARTINS, 1989 p. 33-34, grifos da autora)*

Aos poucos, para além do acesso aos livros e da literatura como instrumento pedagógico e da promoção do "gosto pela leitura" e do "prazer de ler", as discussões sobre a leitura literária acabaram por se orientar para uma reflexão sobre a fruição do texto literário, entendendo o ato de ler literatura como um processo de desestabilização que não se limita à recreação, estando mais relacionado a uma tomada de posição em relação ao texto lido. Essa postura vai ao encontro do sentido apontado por Barthes (1987, p. 21-22), que diferencia:

> *Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia, aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura.*
>
> *Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (dá até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.*

Em 1990, o Decreto nº 28.713 de 25 de Maio de 1990 estabeleceu a criação de Salas de Leitura para todas as Escolas Municipais de 1º Grau, prevendo o atendimento para todas as turmas, desde o Plano de Educação para o Desenvolvimento Infantil (PLANEDI) e até a Suplência I e II, e o Decreto nº 28.889 ampliou as Salas de Leitura para as Escolas Municipais de Educação para Deficientes Auditivos (EMEDA), EMEIs e para o 2º Grau, mantendo-se o princípio anterior, qual seja, "desde que houvesse condições físicas de instalação e não implicasse prejuízo da demanda escolar" (MENDES, 2006, p. 294). Também foram mantidas as regras para designação do PESL, especificando-se que para as EMEDAs a designação recairia no professor titular de cargo de professor efetivo de deficientes auditivos.

Em 1992, com a Lei Municipal nº 11.229, o professor responsável pela Sala de Leitura passou a ser denominado Professor Orientador de Sala de Leitura (POSL), nomenclatura que se mantém até hoje e que revela uma perspectiva de ação pedagógica mais adequada à concepção de leitura e de formação de leitores que o Programa foi construindo ao longo de sua segunda década, sigla que se distancia do caráter mais técnico sugerido pelo termo "Professor Encarregado da Sala de Leitura". O POSL também passou a ser reconhecido como docente em regência de aula, mas ainda com o acompanhamento do professor da classe, preferencialmente nas aulas de Língua Portuguesa, no caso das turmas de 5ª à 8ª série.

A partir de 1997, as unidades de Educação Infantil passaram a contar com Salas de Leitura para atendimento de todas as turmas, porém sem designação de POSL. Isso revela como o avanço nas discussões sobre a leitura na primeira infância reverberou no Programa Salas e Espaços de Leitura, já que, nos anos iniciais do programa, as turmas de 1º série não eram atendidas ou eram preteridas no atendimento. Ao longo da década de 1990, manteve-se a centralidade da leitura pelo prazer cada vez mais percebida dentro de um contexto sociocultural e alinhada a um viés de fruição e a uma proposta de formação para os POSLs que valorizava as diferentes linguagens (teatro, música, jogos, vídeos), reafirmando que outras linguagens além da palavra escrita poderiam ajudar enormemente na leitura de mundo e da realidade (FREIRE e GUIMARÃES, 2013).

O Currículo da Cidade Ensino Fundamental - Língua Portuguesa (SME: 2019, p. 71) sintetiza a definição de gêneros do discurso da seguinte forma: "[...] a linguagem realiza-se por meio dos discursos, ou seja, dos enunciados. Todo discurso resulta em um texto oral ou escrito – sua realidade material – organizado, inevitavelmente, em gêneros. Esses são formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, das quais os produtores lançam mão ao organizarem seus discursos". Entre os gêneros escritos, há aqueles que circulam em esferas do cotidiano (bilhetes, cartas, listas etc.) e outros que circulam em esferas especializadas, como a jornalística (notícia, reportagem, artigo etc.), a literária (romances, contos, crônicas, poemas etc.), a acadêmica (artigos, monografias, teses, ensaios, etc.), entre outras.

Entre 2000 e 2004, destacaram-se como ações importantes a criação de Salas e Espaços de Leitura em Unidades Educacionais de todas as modalidades de ensino, incluindo Centros de Educação Infantil (CEI) incorporados à SME e os Centros Integrados de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA), além da distribuição de 40 títulos do Acervo da Bibliografia Afro-Brasileira para as Salas de Leitura e formação para POSLs sobre a temática, já contemplando a Lei nº 10.639/2003. A abordagem da leitura, na primeira metade da década de 2000, ampliou-se, abrangendo os conceitos de letramento[2] (SOARES, 1998), **gênero do discurso** (BAKHTIN, 1992) e fortalecendo o trabalho com as múltiplas linguagens, o conceito de multiculturalismo[3] e a dimensão cultural nas ações das Salas e Espaços de Leitura.

A partir de 2005, as Salas de Leitura passaram por um redimensionamento nas suas práticas de leitura e na abordagem da literatura, buscando maior sistematização para melhor contribuir no desenvolvimento da competência leitora dos estudantes. Em 2006, houve uma reorganização no atendimento das turmas com o pré e o pós-aula, estabelecidos pela Portaria nº 104/2006, cujas aulas foram ofertadas fora do horário regular dos estudantes e sem o acompanhamento do professor regente da classe. Com a avaliação negativa dessa reestruturação, o atendimento em horário regular foi retomado no ano seguinte, mas o POSL passou a não mais contar com o acompanhamento do professor regente nas aulas do Ensino Fundamental, com exceção da situação específica de docência compartilhada numa segunda aula semanal da turma. Os gêneros do discurso da esfera literária deixaram de ser o foco das atividades a serem desenvolvidas, mas mantiveram prevalência sobre os demais. Houve um esforço em se recuperar a primazia da linguagem escrita em relação às múltiplas linguagens e a indicação de uma maior sistematização das práticas desenvolvidas nas Salas de Leitura. Na Educação Infantil, é preciso destacar uma maior valorização da leitura para bebês e crianças, tendo como exemplo o Projeto Entorno, resultado da parceria da SME com uma organização não governamental, que fortaleceu, a partir de 2009, a realização de Sessões Simultâneas de Leitura em CEIs e EMEIs.

Entre 2007 e 2011, foi implementado o Projeto Minha Biblioteca, com a distribuição anual de livros para cada um dos estudantes da RME, iniciando apenas com os matriculados no Ensino Fundamental e depois se expandindo para a Educação Infantil. Nos primeiros anos do Projeto, os professores não participavam da escolha nem da distribuição dos livros. A partir da entrega referente a 2010 (realizada em 2011), atendendo às sugestões dos POSLs feitas durante os encontros de formação continuada, a seleção dos títulos e a distribuição aos estudantes

2 Soares (1998, p. 18) define letramento como "estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita".

3 Multiculturalismo entendido como "a ideia de convivência das diferentes e diversas culturas nacionais e sua representação na educação e no currículo", conforme SILVA, T. T. e MOREIRA, A. F. (org.). Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001, p. 196.

passaram a ser compartilhadas com os professores e a Unidade Educacional. O Projeto Minha Biblioteca foi retomado em 2018 e, atualmente, é regulamentado pela Instrução Normativa nº 10/2019.

Em 2011, foi criada a possibilidade de realização de projetos de leitura no contraturno dos estudantes, para compor a jornada do POSL, por meio das Portarias nº 5.320/2011 e nº 5.637/2011. Como objetivos para as Salas e Espaços de Leitura, a Portaria nº 5.637/2011 destacava o desenvolvimento do interesse pela leitura e do comportamento leitor (LERNER, 2002) e o favorecimento do avanço nos níveis de proficiência dos alunos.

A publicação **Leitura ao Pé da Letra: Caderno Orientador para Ambientes de Leitura, de 2012**, primeira publicação não comemorativa direcionada especificamente às Salas e Espaços de Leitura e às Bibliotecas do CEU, sintetizou as discussões construídas nos encontros de formação continuada para POSLs e Bibliotecários dos CEUs, realizados desde 2010, em que já se refletia sobre a literatura como fator de humanização e se propunha o foco na leitura literária para as atividades.

O ***Leitura ao Pé da Letra*** é resultado das formações para POSLs realizadas entre 2010 e 2012, sintetizando as reflexões e compartilhando práticas exitosas discutidas nos encontros formativos. Está dividido em seis capítulos que discutem a importância da leitura literária, a organização de Clubes de Leitura como estratégia para formar leitores, o tempo na Sala de Leitura, a garantia do empréstimo de livros, a organização dos ambientes de leitura e as interfaces possíveis para as Salas de Leitura. A publicação ainda apresenta como anexo um "baralho do Clube de Leitura". Está disponível no Portal da SME, no link: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/45575.pdf

O **Leitura ao Pé da Letra** apresenta propostas para a organização do ambiente e para o planejamento do trabalho, indicando os gêneros do discurso da esfera literária como foco das práticas na Sala de Leitura, seguida pela esfera jornalística, e a mediação de leitura como função do POSL. Conforme a publicação:

> *Ler em um ambiente dedicado ao imprescindível e maravilhoso encontro do aluno com a ficção, seja uma Sala de Leitura ou uma Biblioteca, é diferente de ler nas salas de aulas, onde se prioriza algum conteúdo curricular ou assunto específico. Ler nas Salas de Leitura deve favorecer os acontecimentos leitores na vida dos alunos, que sempre os acompanharão, na construção de si mesmos. [...]*
>
> *Considerando que as Salas de Leitura e as Bibliotecas dos CEUs são ambientes pedagógicos que foram instituídos junto às unidades para promover essa atividade humana essencial - ler -, devem ser dedicados exclusivamente à tarefa educacional e cidadã de promover a leitura da literatura. Bibliotecários e POSLs devem atuar em uma função mediadora - pensar, planejar, criar, concretizar e acompanhar atividades promotoras da leitura, transformando a necessidade de ler em desejos de leitura. (SÃO PAULO, 2012, p. 19-20)*

A publicação também destaca a perspectiva interdisciplinar da leitura, vista como ponto de articulação entre as demais áreas do conhecimento, sempre partindo da leitura literária.

> *A leitura é estratégica na construção do saber e na relação com qualquer campo do conhecimento. Portanto, ancora todo o conjunto curricular. Na Sala de Leitura, ela não é meio, mas o próprio fim, o que torna imprescindível a leitura da literatura como condição essencial.*
>
> *Assim, entende-se que o acesso constante à leitura literária, no desvelar das linhas e entrelinhas tramadas pelas palavras de tantos autores e arquiteturas, vai construindo saberes que favorecem também a leitura dos demais campos leitores, ainda que não sejam literários. (SÃO PAULO, 2012, p. 19)*

Ao longo da publicação, são apresentadas sugestões para a organização de empréstimo de livros e do ambiente e, do ponto de vista da prática, há orientações para Clubes do Livro e para a sistematização das atividades permanentes fundamentais (empréstimo, Clube de Leitura e leitura pelo professor).

Em 2014, a consolidação da importância da mediação de leitura, destacada para a atuação do POSL, e da Sala e Espaço de Leitura como integradora das demais áreas do Currículo, possibilitando a organização de projetos, resultou no fortalecimento das ações de leitura já existentes nas Unidades Educacionais, como a mediação de leitura de textos literários e o desenvolvimento dos Clubes de Leitura, entre outros projetos relacionados à leitura, bem como na possibilidade de docência compartilhada em turmas do Ciclo Interdisciplinar (4º a 6º ano). Também foi proposta a formação de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental como mediadores de leitura para atuarem tanto com os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na própria unidade, como nas ações de mediação de leitura em outros espaços e equipamentos do entorno, como CEIs, EMEIs, asilos, posto de saúde, nas casas de moradores da comunidade, etc. Essa ação está normatizada por meio da Portaria nº 4.359/2014, que trata do **Projeto AdolêSer - Jovens Mediadores de Leitura.**

Como sugestão aos POSLs para organização do Projeto AdolêSer - Jovens Mediadores de Leitura nas Unidades Educacionais, o material produzido especialmente para o projeto pelo Instituto A Cor da Letra para a SME está disponível no link: http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/PortalSMESP/Projeto-AdoLeSer

Ainda em 2014, foi lançado, em conjunto com o Núcleo de Educação para as Relações Étnico-Raciais (NEER), o Projeto Leituraço, que contou com a distribuição de acervo temático e indicação de sua utilização em Sessões Simultâneas de Leitura Literária nas Unidades Educacionais, nos mesmos moldes daquelas realizadas em

unidades da Educação Infantil, no Projeto Entorno. As Sessões Simultâneas de Leitura Literária com temática Africana, Afro-brasileira, Indígena e Imigrante, amparadas nas Leis Federais nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, para as quais foram realizadas formações específicas, como subsídio ao trabalho do POSL, reforçam a função humanizadora da literatura e fortalecem a bibliodiversidade. Desde 2018, as obras dessa temática passaram a ser incluídas nos acervos inicial e complementar para as Salas e Espaços de Leitura, bem como para o Projeto Minha Biblioteca.

A Instrução Normativa nº 34/2019, atualmente em vigência, reitera diretrizes que são compartilhadas com o Plano Municipal de Livros, Leitura, Literatura e Bibliotecas (PMLLLB) e as articula com os princípios e conceitos orientadores do Currículo da Cidade (2017), ampliando e readequando objetivos das Salas e Espaços de Leitura e indicando que, nesses ambientes, devem ser priorizadas as vivências da prática social da leitura e a literatura. As atribuições previstas para o POSL se aproximam cada vez mais da função de mediador de leitura e são resultado do longo percurso de constituição da identidade desse professor. Aos poucos, os Espaços de Leitura, que não contam com o POSL, também foram incorporando essa perspectiva para as atividades desenvolvidas nesses ambientes. Considerando que temos espaços e ambientes e que eles estão intimamente ligados, vale destacar o que são e como se constituem.

1.3 Salas e Espaços de Leitura: espaço e ambiente

As Salas de Leituras estão instituídas nas EMEFs, EMEFMs e EMEBSs. Nos CEIs, CEIIs, nas EMEIs, CEMEIs e nos CIEJAs contamos com Espaços de Leitura que podem ou não estar numa sala e, neles, são desenvolvidas as atividades de leitura. Para atingir suas finalidades, Salas e Espaços devem se constituir como ambientes. Zabalza e Fornero (*apud* BARBOSA e HORN: 2008, p. 48) explicitam esta diferença:

> *"Apesar de terem a clareza de que são conceitos intimamente ligados. Afirmam que o termo espaço se refere aos locais onde atividades são realizadas e caracterizam-se pelos objetos, pelos móveis, pelos materiais didáticos e pela decoração. O ambiente, por sua vez, diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais dos envolvidos no processo - adultos e crianças. Em outras palavras, podemos dizer que o espaço se refere aos aspectos mais objetivos, enquanto o ambiente refere-se aos aspectos mais subjetivos".*

Assim, podemos dizer que o ambiente se compõe do espaço físico e as interações que se estabelecem entre o professor, bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos. Ele deve promover um convite à leitura, a partir da premissa de que esses sujeitos se desenvolvem na sua integralidade nas dimensões: afetiva, social, física e psicológica.

Estas considerações são de extrema importância para que o POSL, na Sala de Leitura e professor mediador, nos espaços, viabilizem a mediação de leituras literárias.

É importante observar que não há padronização dos ambientes das Salas de Leitura, no entanto, o POSL precisa considerar algumas possibilidades visando o acolhimento dos sujeitos e a escuta para a constituição do ambiente.

Na Sala de Leitura pode ter almofadas, tapetes, pufes, cadeiras em círculos, mesas ou não, nessas escolhas, é fundamental que haja a participação dos estudantes, a fim de que se potencialize a autoria e o protagonismo, promovendo assim, o pertencimento à Sala.

Também faz parte da constituição do ambiente a disposição dos livros. É preciso que haja uma legenda que comunique a localização deles. Desta forma os estudantes terão autonomia para escolher as obras para a leitura durante a aula na Sala de Leitura ou empréstimo.

Destaca-se ainda que é importante considerar mobiliários e situações didáticas que facilitem o acesso ao livro e o convite à leitura: para as crianças, há necessidade de se pensar em prateleiras mais baixas ou caixas de livros, favorecendo o manuseio. Para adolescentes, jovens e adultos, além do mobiliário, é preciso pensar em situações que favoreçam a exposição de murais com indicações literárias feitas por eles e expostas na Sala. Tendo em vista que o ambiente de leitura deve ser comunicado para além da Sala de Leitura, os murais, quiosques, carrinhos de leitura e cantinhos podem estar na entrada da unidade, no pátio, jardim ou em outros locais da Unidade Educacional.

Nos CEIs, CEIIs, nas EMEIs e CEMEIs os ambientes de leitura devem ser pensados pelos professores em conjunto com a equipe gestora considerando a escuta dos bebês e crianças, visando o acolhimento deles, a fim de promover um ambiente prazeroso para a leitura. Nos CIEJAs, o ambiente deve considerar as necessidades dos jovens e adultos, singularidades e especificidades dos Centros.

Por fim, retornando a premissa do sujeito integral é de suma importância a observação de alguns aspectos como: os sons, as imagens, os odores, a iluminação, circulação e a acomodação dos estudantes, a postura e a maneira com a qual o

POSL, como mediador, recepciona e orienta a organização da atividade, tudo isso contribui para que a leitura extrapole o objeto texto e se torne um acontecimento marcando significativamente o leitor. Desta maneira, constituem-se ambientes pensados para as Salas e Espaços de Leitura.

A seguir, algumas fotos que revelam possibilidades de organização de espaço que contribuem para um ambiente onde são pensadas a autonomia dos estudantes e as interações. Na EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento, DRE São Miguel Paulista, foram pensados ambientes que comunicam a Leitura e extrapolam o da Sala de Leitura. Os estudantes, crianças, professores e comunidade escolar podem ler os livros mesmo em horários em que estiver ocorrendo aula na Sala de Leitura. No que se refere ao acesso às obras, as crianças são consideradas, uma vez que há adequação quanto à altura das prateleiras. Na EMEF Eduardo Prado, DRE Itaquera, há uma legenda que comunica o que tem nas prateleiras, promovendo, assim, a autonomia dos estudantes, facilitando os empréstimos e devolução dos livros. É de extrema importância o olhar para os espaços, pois estes se constituem em ambiente, o qual é um elemento pedagógico.

EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento

Foto Roberto Tersi/SME

EMEF Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento

Foto Roberto Tersi/SME

Foto Daniel Cunha/SME

2

O POSL como mediador de leitura

Tendo em vista que a mediação de leitura é a perspectiva que, atualmente, orienta as práticas do POSL e, por seus desdobramentos nas ações realizadas nos Espaços de Leitura, sua discussão é pertinente para todos os professores que atuam nesses ambientes. Assim, antes de apresentar aspectos específicos da função do POSL, é importante discutir alguns pontos fundamentais relacionados à mediação de leitura.

2.1 Mediação de Leitura nas Salas e Espaços de Leitura

O termo mediação de leitura não é de fácil definição, pois, para além do sentido mais estrito de "ação de estar entre o livro e o leitor", engloba uma série de outros aspectos que passam, entre outras coisas, pelos textos selecionados, sua intencionalidade e os desdobramentos de sua leitura. Reyes ("Mediadores de leitura" In: Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores, c2014) sustenta que não se pode restringir trabalho do mediador a um manual de instruções e sugere:

> *Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. [...]. Seu ofício essencial é ler de muitas formas possíveis: em primeiro lugar para si mesmo, porque um mediador de leitura é um leitor sensível e perspicaz, que se deixa tocar pelos livros, que desfruta e que sonha em compartilhá-los com outras pessoas. Em segundo lugar, um mediador cria rituais, momentos e atmosferas propícias para facilitar os encontros entre livros e leitores. [...]. Por isso, além de livros, um mediador de leitura lê seus leitores: quem são, o que sonham e o que temem, e quais são esses livros que podem criar pontes com suas perguntas, com seus momentos vitais e com essa necessidade de construir sentido que nos impulsiona a ler, desde o começo e ao longo da vida.*

A partir da definição de Reyes (c2014), complementada pelas contribuições de outros autores sobre o tema, discutimos a seguir alguns aspectos importantes para a atuação dos mediadores de leitura nas Unidades Educacionais, destacando as especificidades da função do POSL.

Um ponto fundamental destacado por Bajour (2012) para o trabalho do mediador de leitura é o valor da escuta nas suas práticas. Para a autora, o mediador precisa assumir a condição de sujeito do processo e estar disponível para "ouvir nas entrelinhas", não só do texto, mas também das falas, silêncios, olhares e gestos dos leitores em formação, pois só assim será possível estender e expandir as pon-

tes entre texto e leitor, leitor e texto e de leitor a leitor. Ainda conforme Bajour (2012), a construção de sentidos de um texto literário é um ato eminentemente coletivo e, nesse contexto, a função do mediador não está relacionada apenas a possibilitar a manifestação individual nas situações coletivas, dando a palavra a cada um apenas para reafirmar posturas e pontos de vista, sem que realmente se estabeleça uma conversa. Para ela, a escuta é uma atitude ideológica que se instala por meio do compromisso do mediador com os leitores e o texto.

Ser mediador de leitura é, então, estar predisposto a aceitar a complexidade da palavra do outro, mesmo que ela seja divergente. Seu papel é possibilitar o equilíbrio entre a liberdade para opinar e o direito de todos a intervir e, ao mesmo tempo, buscar estratégias que permitam aos leitores o intercâmbio na construção de significados do texto. Portanto, é imprescindível que a mediação de leitura ocorra em situações de compartilhamento, destinando tempos para ler e falar sobre os textos lidos em que os participantes tenham possibilidade de socializar os significados que construíram por meio das relações estabelecidas entre o que o texto apresenta e suas ideias e interpretações pessoais. De acordo com Colomer (2007, p. 147):

> *Assim, compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade cultural que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá as crianças a oportunidade de atravessá-la.*

O mediador de leitura é, essencialmente, um leitor que vivencia e proporciona experiências de ler ou escutar textos dos mais diversos gêneros do discurso. No caso da leitura literária, a mediação será tão mais eficiente quanto mais significativas e diversificadas forem a leitura e a literatura para o mediador. Esse é o pressuposto para qualquer ação que busque promover a leitura e formar leitores, já que só um leitor competente e verdadeiro é capaz de demonstrar o valor da leitura e da literatura para aqueles que ainda estão descobrindo os seus benefícios individuais e sociais. Ser leitor competente é também condição para que o mediador possa promover discussões consistentes sobre a leitura na perspectiva da arte literária, explorando aspectos da própria linguagem e da arquitetura do texto que contribuem para o impacto que ele pode causar no leitor, ou seja, é recorrendo ao próprio texto para responder às perguntas que vão surgindo (ou para mostrar que elas podem ficar em aberto) que o mediador indica aos leitores o caminho para construir as argumentações para suas interpretações. Convém destacar que não se trata de abordar e se aprofundar em tópicos relacionados à teoria literária ou história da literatura, mas contemplar, como leitor mais experiente, os elementos

da construção do texto artístico que fazem com que ele desperte ideias e experiências nos leitores de diferentes modos. Sobre isso, Bajour (2012, p. 40) esclarece:

> *É possível falar dos textos de forma profunda e crítica sem fazê-lo em "jargão". No entanto, essa visão não subestima os modos particulares que cada teoria tem para designar os procedimentos das diversas artes. Ao contrário, uma escuta sensível, que valorize os modos pelos quais cada leitor se refere ao contato com metáforas, perspectivas inusitadas, alterações temporais, elipses etc., pode ser uma situação para que essas descobertas sejam colocadas em diálogo com algumas denominações técnicas. [...] A teoria é mobilizada a partir daquilo que os leitores dizem sobre os textos, e não de antemão: quando ela precede a leitura, condiciona e fecha sentidos.*

A seleção dos textos também está imbricada nessa escuta, pois é importante que os textos literários selecionados sejam de qualidade, abertos, polissêmicos e capazes de provocar o leitor de maneira desafiadora. Para isso, é preciso que o mediador de leitura esteja atento aos pré-conceitos que podem atuar na escolha de textos e compreenda que todos os leitores em formação, sejam eles bebês, crianças, adolescentes, jovens ou adultos, com suas especificidades, têm competência para a fruição de textos literários com estrutura e linguagem mais complexas[4]. No processo de escolha, é importante que o mediador tenha o olhar voltado para as potencialidades dos leitores e não para suas possíveis carências.

A tarefa de seleção dos textos não se limita a atender critérios fixos e fechados (faixa etária, temática, gênero, gêneros discursivos), muitas vezes mais pertinentes a demandas extraliterárias e visando basicamente a aplicabilidade em situações determinadas de ensino. Também não está presa a uma repetição de obras, gêneros e autores, pois escutar o leitor passa por observar o contexto em que ele está inserido (social, cultural, se está em situação de vulnerabilidade) e ampliar o espectro de leituras possíveis e que podem ser significativas[5].

Nas situações de mediação de leitura, é interessante que o mediador conheça profundamente tanto os leitores como o texto escolhido e que, com esse conhecimento, previamente, esboce perguntas que possam instigar sua discussão partindo delas para: projetar as possibilidades de introduzir o texto e os leitores na conversa

4 Sobre essa postura especificamente em relação aos bebês, ao tratar do Programa de Leitura e Biblioteca no Jardim Maternal da Faculdade de Direito de Buenos Aires (UBA), López (2018, p. 44) aponta: "Não confiamos em padronizações acerca das 'idades de leitura'. Sabemos que a idade do leitor é cultural mais do que biológica, então o que um bebê ou uma criança de dois anos pode ler é algo totalmente relativo, dependerá de cada criança, de sua experiência e, claro, de seus gostos. Por isso, os livros que temos em nosso acervo nem sempre são aqueles considerados 'para bebês e crianças pequenas'."

5 Nesse sentido, vale destacar o conselho de Petit (2013, p. 60): "Mas isso certamente não significa substituir esse ou aquele texto clássico por uma literatura barata, como alguns ficam tentados a fazer. Porque nesse caso se delinearia uma escola de duas 'velocidades', onde às crianças pobres seriam dados romances menos importantes, supostamente próximos de suas 'vivências', e apenas aqueles provenientes de meios com recursos poderiam ter acesso a obras que atravessaram os tempos e que, como os mitos antigos, podem estar muito próximas das preocupações das crianças ou dos adolescentes, porém oferecendo-lhes a oportunidade de um certo distanciamento".

literária; prever formas de fazer intervenções sem limitar os sentidos; identificar as portas que o próprio texto apresenta para respostas a possíveis perguntas elaboradas pelos leitores. Essa preparação, longe de indicar um roteiro engessado, é uma estratégia para que o mediador esteja predisposto e mais autoconfiante diante de outras possibilidades de significação ou maneiras de penetrar no texto, facilitando uma escuta mais apurada no momento da leitura e da conversa.

Todo mediador de leitura atua com intencionalidade e esta tem desdobramentos significativos na seleção e nos modos de apresentar e penetrar nos textos. Na escola, a mediação de leitura compartilha de seus principais objetivos e inevitavelmente está permeada pelo ensino. No entanto, é preciso estar atento para evitar uma perspectiva muito didatizada da leitura literária, pautada em objetivos de aprendizagem muitas vezes restritos, ou uma visão superficial da promoção da leitura, que se limita apenas ao prazer de ler. A visão da leitura como estudo pode relacioná-la à obrigatoriedade. A leitura literária numa perspectiva idealizada do prazer e da animação da leitura pode levar a uma espetacularização do ato de ler em que muitas vezes o livro e a leitura acabam sendo deixados em segundo plano. Novamente, é preciso cuidado para que o foco não esteja muito mais no evento em si e menos no processo e nas aprendizagens mobilizadas nas atividades e ações que resultaram nos "produtos" que são apresentados no evento. No caso das Salas e Espaços de Leitura, as diretrizes e objetivos do Programa apontam para uma intencionalidade que articula as metas escolares a uma responsabilidade de promoção da leitura. Pela mediação de leitura realizada nas Salas e Espaços de Leitura, busca-se contribuir para a formação literária dos estudantes e de outros atores da comunidade, dando novas formas e significados às práticas de leitura no contexto escolar para que estejam mais próximas da prática social da leitura. Essa tarefa requer a apropriação de determinados saberes e práticas por parte do mediador e uma sistematização das ações de mediação de leitura que estejam articuladas com o Projeto Político Pedagógico.

O trabalho do POSL ou do professor que atua nos Espaços de Leitura pretende promover a conversação literária em que predomine a negociação dos sentidos e sua permanente expansão. Pela sua forma e qualidade, o texto literário favorece o conhecimento linguístico e estético, o conhecimento de todo um universo social e o exercício da reflexão sobre a realidade, por isso as atividades desenvolvidas pelos POSLs podem assumir um caráter integrador das diversas áreas do conhecimento, sobretudo em projetos interdisciplinares. Nesse aspecto, é importante que esteja claro que o movimento tem de partir sempre da qualidade literária e da abordagem artística da obra para se desdobrar nas contribuições dessa leitura literária para as demais áreas do conhecimento. Assim, não se trata, por exemplo, de selecionar um texto para a atividade de leitura apenas pela sua temática para auxiliar na abordagem

de determinado conteúdo em sala de aula. A literatura apresenta autonomia como conhecimento e linguagem artística, portanto, não pode ser tomada como acessório na abordagem de um conteúdo específico de um componente curricular. A literatura não pode ser apenas pretexto. O caráter integrador das atividades da Salas e do Espaços de Leitura está justamente no diálogo entre a literatura e os outros conhecimentos.

A mesma reflexão pode ser aplicada quando tratamos da articulação da literatura a outras linguagens artísticas, em que é preciso muito cuidado para não deslocar a centralidade da leitura literária na prática do mediador de leitura. Utilizar outras linguagens em estratégias que permitam adentrar e valorizar a leitura literária é pertinente e desejável, mas exige cuidado. Bajour (2012, p. 81) salienta:

> *Evitar a tendência de que predomine a casca e não a polpa e o caroço quando se trata de ler não significa deixar de lado formas renovadas e lúdicas de adentrar os textos. Muitas práticas artísticas ligadas a esse campo da promoção que colocam leitura e os livros como centro da proposta contribuem com muitíssimas ideias produtivas. Nesse sentido, artes como o teatro, a narração oral, o cinema e as canções para crianças podem oferecer novas estratégias sempre que valorizem esteticamente os textos e os façam sobressair.*

O objeto artístico de outras linguagens também não pode ser abordado apenas como um recurso para despertar o interesse do estudante, como acontece, por exemplo, quando se utiliza a adaptação cinematográfica de uma obra literária para "motivar" o aluno a ler o livro, sem que se discuta as peculiaridades de cada linguagem e de cada obra (livro e filme) como objeto artístico. Nesse caso, ao mediador de leitura cabe abordar o texto literário enquanto o filme pode ser discutido pelo professor de Arte. Além disso, há que se destacar que o tempo disponível para o POSL é geralmente restrito aos 45 minutos da hora-aula semanal e convém utilizá-lo de maneira sistematizada e eficiente, voltada à valorização da leitura e do texto literário. Por isso, é importante considerar a incorporação de outras linguagens nas atividades das Salas e Espaços de Leitura na elaboração de projetos interdisciplinares que possam contemplar os objetivos e os tempos de cada componente curricular, de modo que o texto e as demais linguagens sejam abordados nas suas especificidades e no modo como cada uma colabora para uma reflexão consistente sobre um objeto do conhecimento.

Sabemos que a formação de leitores não está restrita ao ambiente escolar e que a mediação de leitura também ocorre em outros espaços (em casa, nas bibliotecas, livrarias, parques e outros espaços e instituições), promovida por outros atores (família, bibliotecários, promotores de leitura, adultos que acompanham a leitura

das crianças). Vale lembrar que, "como fonte de prazer e de sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola" (LAJOLO, 2001, p. 7). Dessa forma, também é propósito das Salas e Espaços de Leitura expandir as práticas de leitura para além dos muros da escola, articulando experiências culturais relacionadas à leitura por meio de ações e eventos planejados por toda a comunidade escolar, vinculando a ação do mediador de leitura ao contexto da Unidade Educacional e da comunidade.

O espectro da mediação é amplo e, certamente, um aprofundamento em determinados aspectos discutidos pode dar ainda mais consistência à atuação do mediador de leitura. Contudo, tendo em vista os limites e propósitos desta publicação, entendemos que os tópicos abordados e as referências indicadas poderão contribuir para iniciar reflexões sobre as práticas dos mediadores leitura nas Salas e Espaços de Leitura da RME, as quais poderão ser desdobradas na formação continuada.

2.2 Formação e atribuições do POSL

Ao tratar da formação de leitores, Castrillón (2011, p. 24) destaca a importância de se pensar também a formação dos mediadores de leitura:

> *O propósito de formar leitores exige professores bem formados, conscientes da necessidade de mudanças importantes na estrutura social da escola e atualizados, não por meio de cursos breves ou oficinas, mas, sim, por meio de programas de longa duração, que partam de sua prática cotidiana e que também introduzam o conhecimento da teoria e a necessidade de reflexão e do debate. Formação que lhes permite romper com a tradição de ensinar como aprenderam. Professores bem formados como leitores e escritores, condição primordial para ensinar a ler e a escrever.*

Os POSLs pertencem a um grupo de educadores da Rede Municipal cuja formação inicial e continuada é normatizada e realizada no âmbito da SME. Esse é um aspecto extremamente significativo do Programa Sala e Espaço de Leitura e que se mantém desde a sua implementação. Sua continuidade revela o investimento na qualificação do POSL e visa ao fortalecimento da formação de leitores – bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos da RME. Essa formação se desdobra em:

- **Formação inicial:** anual e organizada pelo Núcleo Sala e Espaço de Leitura da Coordenadoria Pedagógica (COPED/SME). Tem como público-alvo os POSLs recém-designados para a função e como objetivo apresentar as diretrizes e finalidades do Programa e discutir as atribuições e práticas do POSL.

- **Estágio Inicial:** planejado pela equipe da Divisão Pedagógica/Sala e Espaço de Leitura (SAEL/DIPED) em consonância com as orientações do Núcleo Sala e Espaço de Leitura da COPED/SME realizado, em 05 (cinco) horas-aula na Diretoria Regional de Ensino (DRE) e 20 (vinte) horas-aula em, no mínimo, duas Unidades Educacionais indicadas pela equipe SAEL/DIPED da respectiva DRE de exercício do POSL, efetivadas preferencialmente, no período de uma semana. A finalidade do estágio é possibilitar ao POSL recém-designado a observação e reflexão sobre a prática, função da leitura e leitura literária na especificidade da Sala de Leitura, organização do ambiente, ações e projetos de leitura.

- **Formação continuada:** realizada pela SAEL/DIPED com orientações e subsídios do Núcleo Sala e Espaço de Leitura da COPED/SME. Trata-se de encontros regionais que têm como público-alvo todos os POSLs e são efetuados mensalmente na DRE ou em outros espaços (Salas de Leitura das Unidades Educacionais da DRE, museus, espaços culturais, bibliotecas) que potencializem e ampliem as temáticas pertinentes à leitura, os fazeres e saberes dos POSLs.

- **Seminários Sala e Espaço de Leitura:** organizados e planejados pelo Núcleo Sala e Espaço de Leitura da COPED/SME. Têm como público-alvo todos os POSLs e como o objetivo a discussão de temáticas específicas de leitura, contando com a participação de escritores, professores, estudantes e pesquisadores, e o compartilhamento de experiências.

Por meio dessas formações, o POSL pode dispor de vivências e saberes que lhe permitirão refletir sobre suas práticas e fortalecer sua identidade como mediador de leitura. As práticas de leitura e a literatura também são fortalecidas com o compartilhamento de propostas e experiências, que podem ser estendidas a outros espaços, escolares ou não, e a outros mediadores de leitura.

O POSL tem atribuições inerentes à função, o que requer alguns saberes:

- Ser um leitor que vivencie e proporcione experiências de ler poesias/poemas, crônicas, contos entre outros gêneros do discurso, sobretudo os literários, e que trabalhe com diferentes portadores e linguagens em diálogo com as diferentes manifestações artísticas.

- Saber escutar e observar os estudantes – um público específico e singular – para desenvolver estratégias que possibilitarão identificar os centros de

interesse do grupo, quais seus sonhos, o que temem, qual o grau de domínio ou de competência quanto à leitura do texto escrito. Levantar qual o tempo que dedicam à leitura de mensagens no celular e/ou na internet, qual o tempo que dedicam à leitura de livros fora da escola. Verificar se os estudantes são leitores de livros e jornais (impressos e/ou online) e se esses estudantes convivem com leitores de livros e jornais. Desse modo o POSL realizará uma escuta (BAJOUR, 2012), identificando um ponto de partida para planejar a mediação mais apropriada para cada grupo ou agrupamento de estudantes.

- Saber criar ambiente propício na Sala de Leitura para mediações que incentivem as práticas de leitura, partindo da escuta dos estudantes e da comunidade escolar. Vários projetos serão uma decorrência natural das práticas que forem desenvolvidas nesse ambiente, por exemplo: Jovens Mediadores de Leitura, Clube de Leitura, Saraus, Jornal Mural, entre outros.

- Saber compartilhar com seus pares, ao participar de formação inicial e continuada, as experiências de leitura, as indicações literárias, critérios para seleção de livros, estratégias de mediação de leitura, de modo a contribuir para a promoção da leitura e formação de uma comunidade leitora.

- Estar disponível para articular e expandir os ambientes e práticas de leitura na escola e desencadear ações de leitura nos diferentes espaços e/ou equipamentos culturais do entorno.

- Conhecer o acervo propiciando, assim, a seleção de livros, considerando o princípio da bibliodiversidade.

É a partir desses saberes e das experiências discutidas nas ações formativas que se fundamenta a riqueza dos fazeres dos POSLs:

- Fomentar aprendizagens sobre e para as práticas de leitura em aulas semanais que integram a Matriz Curricular.

- Articular diferentes áreas do conhecimento em projetos interdisciplinares, partindo da especificidade de suas práticas e do seu objeto de trabalho: a literatura.

- Dinamizar o espaço e o acervo.

- Propor projetos e criar novos ambientes para a leitura.

- Possibilitar redes de discussão de textos literários e de leitores com as rodas de leitores, clubes de leitura e jovens mediadores de leitura.

- Promover o protagonismo dos estudantes em saraus, festivais literários, projetos e atividades de mediação de leitura dentro e fora da escola.

- Reorganizar o espaço da Sala, transformando-o num ambiente.

- Trabalhar com conhecimentos e linguagens que potencialize as práticas de leitura.

2.3 Subsídios para a organização do trabalho do POSL

O trabalho do POSL é organizado por meio de normativa específica, em que constam suas atribuições. O POSL deve atuar como mediador de leitura, promovendo, prioritariamente, a literatura como articuladora do seu trabalho a partir das diretrizes do Programa Salas e Espaços de Leitura e ampliar as ações de leitura para diferentes espaços e equipamentos culturais do entorno. O principal propósito da Sala de Leitura é a leitura de fruição de textos literários, com o livro, a literatura e o texto abordados como objetos em si e a apreciação estética de textos literários. **Os objetivos das práticas de Salas de Leitura podem ser elaborados de maneira autoral pelos POSLs, devido a singularidade e especificidade do trabalho.** É também possível incluir objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de outros componentes curriculares que estejam relacionados ao propósito da Sala de Leitura[6]. Desta maneira, os objetivos da Sala e Espaço de Leitura se concretizam na integração de todas as áreas do conhecimento e relacionam-se diretamente com Matriz de Saberes, com os ODSs e com o Projeto Político-Pedagógico da Unidade.

Assim, deverão ser elaborados objetivos específicos relacionados a:

6 Alguns exemplos de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que dialogam com os propósitos da Sala de Leitura: (EFCINTLP11) Participar e organizar eventos de leitura, como saraus, feiras, mediação de leitura, clube de leitura, entre outros, do Currículo da Cidade Ensino Fundamental - Língua Portuguesa; (EFEJAEFLP02) Ler, reconhecer e apreciar textos literários, sobretudo aqueles relativos à literatura periférica e que valorizem as matrizes africanas e indígenas, além daqueles que já são socialmente reconhecidos e valorizados, do Currículo da Cidade EJA - Língua Portuguesa; (EFEJAECA89) Pesquisar sobre acervos artísticos e culturais (textos na literatura da dramaturgia, movimentos culturais e grupos de teatro), do Currículo da Cidade EJA – Arte; (EF05LPS02) Explorar as diversas histórias tradicionais sinalizadas próprias da literatura surda. Currículo da Cidade - Língua Portuguesa para Surdos; (EF01LS52) Conhecer contos, poesias surdas e performances elaboradas pela comunidade surda - Currículo da Cidade - LIBRAS

- Ampliação do repertório cultural do estudante, do seu repertório de leituras e das oportunidades para o estudante vivenciar a leitura literária como forma de desenvolver seu comportamento leitor.

- Garantia do acesso à diversidade de culturas, autores e gêneros do discurso, preferencialmente da esfera literária.

- Apreciação estética da obra literária e de outras linguagens artísticas a ela articuladas.

- Possibilidade de ouvir, ler e discutir criticamente textos literários diversos, identificando valores éticos e estéticos.

Cabe destacar que a abordagem dos eixos estruturantes e dos objetos do conhecimento será sempre sob a perspectiva da apreciação estética e ampliação do repertório de leituras literárias dos estudantes, já que a produção de textos escritos e a criação de objetos artísticos não fazem parte dos objetivos e práticas da Sala de Leitura.

Esses são os pontos fundamentais a serem considerados no planejamento da Sala de Leitura, que também estarão em diálogo com aspectos da Matriz de Saberes e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Na explicação apresentada por Candido (2004) sobre em que consiste a humanização por meio da literatura, as articulações entre as diretrizes do Programa e os ODSs ficam claras:

> *Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO: 2004, p. 180)*

O caráter interdisciplinar da leitura e sua importância na constituição da cidadania e no acesso à democracia são fatores constitutivos para o alcance dos ODSs.

Cabe destacar que as Salas e Espaços de Leitura são ambientes favoráveis à promoção do protagonismo dos estudantes e dos professores e ao desenvolvimento de potencialidades das crianças e jovens, numa perspectiva de Educação Integral. Assim, é possível articular eixos e objetos do conhecimento presentes nos Currículos de todos os componentes, já que a **multimodalidade**, presente nas obras literárias, permite o diálogo da literatura com outras linguagens artísticas que pode ser previsto em projetos interdisciplinares

Os textos multimodais são aqueles que articulam diferentes linguagens, mídias e tecnologias (imagens, sons, hyperlinks) na construção do seu sentido. Para saber mais sobre o conceito de multimodalidade, consulte o Currículo da Cidade Ensino Fundamental - Língua Portuguesa (2019, p. 75) Na Literatura Infantil e Juvenil há exemplos de obras que são constituídas de diferentes linguagens (imagens, sons, dobraduras, QRCodes, desde os menos complexos (livro álbum, livro de imagens) como também os livros-brinquedo, os livros pop-up, livros com CD. Há também textos literários disponibilizados em outros suportes (poemas cinéticos e microcontos on-line); ou, ainda, obras que são apresentas em formatos diferentes do livro (caixa de fósforo, móbiles). Para conhecer alguns, visite:
http://www.ciberpoesia.com.br
http://www.samirmesquita.com.br/doispalitos.html

2.3.1. Diretrizes para organização do trabalho pedagógico

Na organização do trabalho do POSL, as modalidades organizativas[7] propostas por Lerner (2002) podem possibilitar uma melhor gestão do tempo na aula de sala de leitura e atender às singularidades que devem ser levadas em conta no planejamento da Sala de Leitura. Essas modalidades são sugeridas já na publicação **Leitura ao Pé da Letra** (2012, p. 48), em que são sintetizadas como aquelas que "favorecem a criação de contextos nos quais a leitura ganha sentido e ocorre em toda a sua complexidade. Seus diversos aspectos se articulam ao se orientar para a realização de um propósito". Na Sala de Leitura, elas são divididas em atividades permanentes, projetos, sequências de atividades e atividades ocasionais.

As atividades habituais ou permanentes são fundamentais e devem acontecer com regularidade semanal, quinzenal ou mensal, sendo desenvolvidas ao longo de todo o ano letivo nas aulas da Sala de Leitura. Assim, podemos ter:

- Leitura de gêneros diversos (crônicas, novelas, lendas, fábulas, contos, poesia, parlendas e outros).

7 Para saber mais sobre as modalidades organizativas propostas por Lerner (2002), verifique as Orientações Didáticas do Currículo da Cidade - Língua Portuguesa (2019). Para modalidades na Sala de Leitura, consulte a publicação Leitura ao Pé da Letra: caderno orientador de ambientes de leitura (2012).

As atividades de leitura podem ser feitas em voz alta pelo professor ou pelos estudantes; leitura compartilhada e leitura individual são essenciais para o alcance dos objetivos da Sala de Leitura e estão articuladas a todas as outras atividades.

A seleção de textos para o desenvolvimento das atividades deve garantir a diversidade de gêneros discursivos, na organização do trabalho do POSL, sobretudo da esfera literária. Para isso, indicamos como sugestão a tabela de gêneros discursivos apresentada nas Orientações Didáticas do Currículo da Cidade – Língua Portuguesa (vol. 1), na coluna de "Leitura e Escuta" (2019, p. 128-136).

- Rodas de leitura de textos literários, textos científicos, jornais.

As rodas de leitura possibilitam a troca de ideias, o acesso a diferentes interpretações dos textos lidos e o compartilhamento de experiências, ampliando as oportunidades de desenvolvimento do comportamento leitor. A roda de leitura de textos literários é fundamental para o trabalho do POSL.

- Empréstimo de livros

O empréstimo periódico amplia as possibilidades de leitura do estudante e o desenvolvimento de sua autonomia como leitor. Deve ser realizado continuamente e, sempre que possível, favorecer a escolha pessoal sem prescindir da disponibilidade do POSL para orientação na seleção. É importante também reservar momento para que o leitor possa comentar sobre a leitura e, na conversa com o POSL e com os colegas, trocar impressões e sugestões.

A seguir, algumas fotos que revelam possibilidades para qualificar o empréstimo de livros. Na EMEF Millôr Fernandes, DRE Campo Limpo, a POSL procura conhecer um pouco melhor o interesse dos estudantes para propor algumas indicações que ampliem o repertório. A Sala de Leitura fica aberta em horários fora da aula regular, para que a comunidade se insira no processo do empréstimo. Esta ação promove a formação de uma comunidade leitora para além do contexto escolar, pois os pais expandem o interesse pela leitura. Assim, quando os seus filhos recebem os livros do Projeto Minha Biblioteca e os levam para casa, o diálogo envolvendo as diferentes leituras fica estabelecido. Nesta EMEF, efetiva-se o princípio de Leitura Literária como um direito inalienável que, para ser alcançado, deve ultrapassar os limites dos muros da escola.

EMEF Millor Fernandes

Foto Roberto Tersi/SME

EMEF Millor Fernandes

Foto Roberto Tersi/SME

EMEF Millor Fernandes

Foto Roberto Tersi/SME

EMEF Millor Fernandes

Foto Roberto Tersi/SME

Os projetos tanto podem se referir:

a. a uma sequência de ações planejadas, com cronograma definido a partir de um propósito claro que se pretende alcançar;

b. aos projetos de longa duração, coordenados pelo POSL, organizados no contraturno dos alunos, com o objetivo de desenvolver a competência leitora, autonomia e protagonismo dos estudantes, inserindo-os numa comunidade leitora.

Entre os projetos especialmente desenvolvidos no âmbito da Sala de Leitura, destacam-se:

Projeto Jovens Mediadores de Leitura, instituído pela Portaria nº 4359, 16/07/2014

O Projeto visa à formação de estudantes mediadores de leitura para atuação nas ações de incentivo à leitura realizadas na unidade e/ou em espaços e equipamentos do entorno, propiciando novas leituras do território. Voltado principalmente aos estudantes dos Ciclos Interdisciplinar e Autoral, o projeto promove simultaneamente a formação dos jovens leitores e o seu protagonismo na constituição da comunidade de leitores.

A seguir algumas fotos que revelam várias formas de intervenção dos estudantes que participam do Projeto Jovens Mediadores de Leitura. Essas intervenções extrapolam os muros da escola, potencializam o protagonismo dos estudantes e promovem a leitura como um direito inalienável. Na primeira intervenção, os estudantes do Projeto Jovens Mediadores de Leitura: Canto do Encanto, da EMEF Vargem Grande II , DRE Capela do Socorro, selecionaram os livros para serem lidos na casa de uma pessoa da comunidade. A residência foi escolhida previamente, com horário marcado. O grupo leu para as pessoas que estavam no local. Após a Leitura, uma das Jovens Mediadoras ficou com a tarefa de entregar um certificado para a dona da casa que acolheu a intervenção. Na segunda Mediação, os jovens da EMEF Laranjeiras, DRE São Mateus, prepararam o ambiente para a Leitura que aconteceu com as crianças da EMEI Adalberto Panzan, da mesma DRE. Além do tapete de livros, os mediadores realizaram a intervenção com o guarda-chuva de poesias. Ambas as escolhas convidavam as crianças para a leitura. No final, o grupo tirou uma foto com as crianças para revisitarem a experiência, tendo em vista que as boas memórias com as leituras podem contribuir para a formação leitora e para o desejo da continuidade das intervenções. Na terceira

intervenção, os Jovens Mediadores de Leitura da EMEF Mario Kosel Filho, DRE Pirituba/Jaraguá receberam na Unidade Educacional as crianças da EMEI Olga Calil Menah, da mesma DRE. As intervenções foram realizadas na Sala de Leitura, pois estas crianças estavam terminando o ano letivo na EMEI e passariam para a EMEF no ano seguinte. A ação de mediação de leitura promoveu o acolhimento das crianças e inaugurou o ambiente da Sala de Leitura que passaria a fazer parte da rotina delas.

EMEF Vargem Grande II

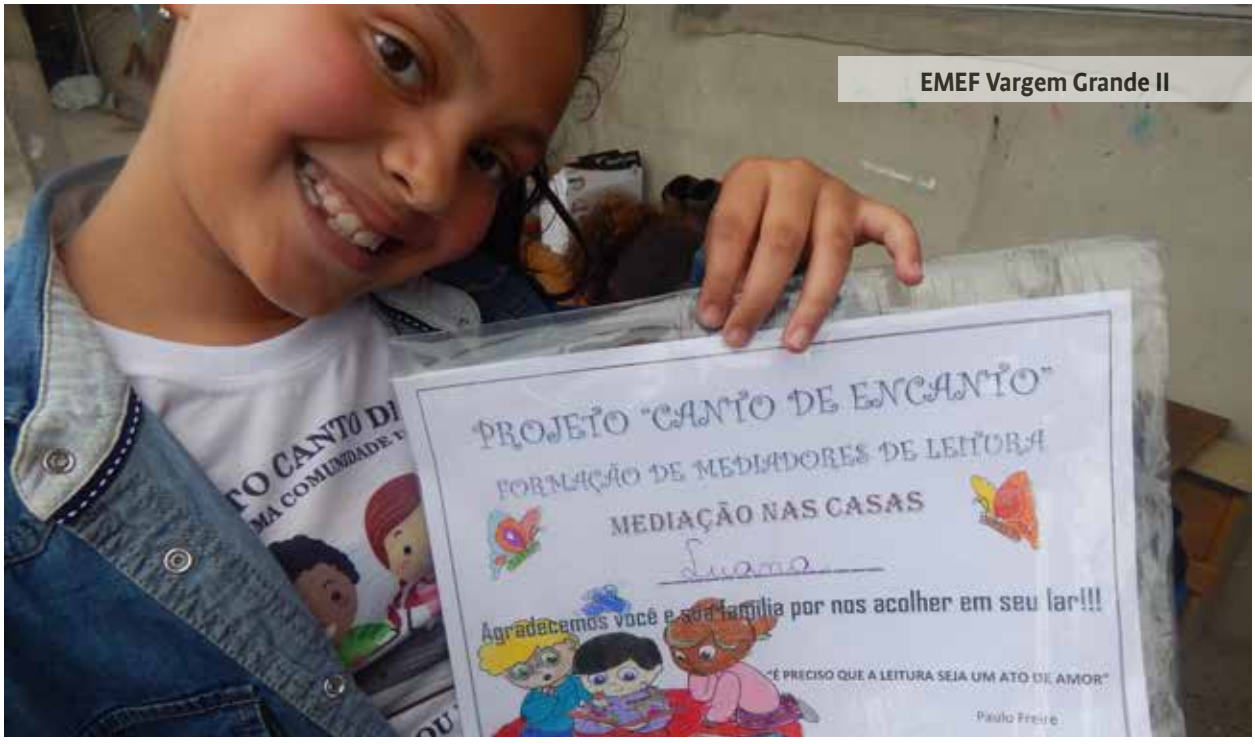
Foto Luciene A. G. Cioffi

EMEF Vargem Grande II

Foto Luciene A. G. Cioffi

EMEF Vargem Grande II

Foto Luciene A. G. Cioffi



EMEF Vargem Grande II

Foto Luciene A. G. Cioffi

Foto Alessandra de Oliveira Freitas

Foto Alessandra de Oliveira Freitas

Foto Alessandra de Oliveira Freitas

Mediação de leitura realizada pela EMEF Jardim das Laranjeiras na EMEI Adalberto Panzan

Foto Alessandra de Oliveira Freitas

EMEF Mario Kosel Filho

Foto Jovino Soares/SME

EMEF Mario Kosel Filho

Foto Jovino Soares/SME

EMEF Mario Kosel Filho

Foto Jovino Soares/SME

EMEF Mario Kosel Filho

Foto Jovino Soares/SME

EMEF Mario Kosel Filho

Foto Jovino Soares/SME

Foto Jovino Soares/SME

Clube de Leitura[8]

O Clube de Leitura tem como característica a organização de reuniões periódicas, presenciais, de leitores experientes ou iniciantes, para a discussão de textos cuja leitura é realizada previamente. Na Sala de Leitura, é organizado e acompanhado pelo POSL, podendo ocorrer no contraturno dos estudantes. É importante que o POSL discuta com os participantes o que é um Clube de Leitura e, em conjunto, escolham um nome significativo e estabeleçam periodicidade, regras e combinados de funcionamento. O Clube poderá ser temático ou mais livre, partindo do que os participantes considerarem mais relevante. As escolhas dos livros poderão ser feitas coletivamente, pelo POSL ou pelos próprios estudantes, mas sem prescindir da orientação do professor, para que seja garantida a qualidade na seleção dos textos. É importante lembrar que, na perspectiva do trabalho da Sala de Leitura, não cabe a exigência de elaboração de resenhas ou um registro formal da leitura pelo estudante, mas a abertura a outras formas de registro informais (diário de leituras, registro coletivo dos encontros). O foco do trabalho do POSL está na escuta atenta que busca organizar e orientar a apreciação do texto e ao mesmo tempo "possibilitar a cada elemento do grupo beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor o livro lido" (COLOMER: 2007, p. 143). O Clube de Leitura também pode ser realizado no horário regular da aula da Sala de Leitura.

A seguir algumas fotos que revelam uma parte do processo do Projeto Clube de Leitura da EMEF Eduardo Prado, DRE Itaquera. A POSL propôs a Roda de Conversa após a leitura prévia do livro escolhido coletivamente. A Roda se iniciou com a socialização das impressões e apreciações do grupo. Para isso, a POSL distribuiu alguns cards com perguntas. Essa estratégia pode ser utilizada para iniciar ou ampliar as discussões, também promove o retorno ao livro para que o estudante compartilhe com o grupo um trecho que mais gostou ou simplesmente o revisite por prazer.

8 Contribuições importantes para a organização do Clube de Leitura pelo POSL podem ser encontradas no Capítulo "Clube de Leitura: estratégia para formar leitores", da publicação Leitura ao Pé da Letra: caderno orientador para ambientes de leitura (2012), citado anteriormente.

EMEF Eduardo Prado

Foto Daniel Cunha/SME

EMEF Eduardo Prado

Foto Daniel Cunha/SME

EMEF Eduardo Prado

Foto Daniel Cunha/SME

Foto Daniel Cunha/SME

Saraus e festivais literários

A organização de eventos literários e culturais são oportunidades para promover a leitura e articular diferentes linguagens, envolvendo toda a comunidade escolar. Podem ser organizados saraus de poesias, de cordéis e de leitura dramática de textos teatrais, incorporando, se for o caso, apresentações musicais e de teatro. É importante incluir a diversidade cultural e intergeracional no planejamento das ações, favorecendo a integração dos diferentes ciclos e modalidades de ensino por meio da articulação, sempre que possível, entre diferentes turmas e turnos e com outras Unidades Educacionais ou instituições do entorno.

A seguir, algumas fotos que revelam uma parte do processo do Projeto Sarau, realizado na EMEF Manoel Carlos Figueiredo Ferraz, DRE Santo Amaro. O Sarau pode ser realizado nos diferentes Ciclos e Modalidades. Neste caso, a POSL teve uma escuta sensível e atenta para as necessidades da EJA, uma modalidade em que os adultos, às vezes, resistem em ser protagonistas. O Sarau permitiu o protagonismo dos estudantes, a integração e a convivência com diversidade intergeracional existente na turma. Os textos foram escolhidos previamente e coletivamente, contemplando diversos gêneros. O tema do Sarau era: O que nos move enquanto EJA, sendo a Leitura Literária fator de humanização, esta abriu portas, transpôs barreiras.

Foto Roberto Tersi/SME

Foto Roberto Tersi/SME

EMEF Manoel Carlos Figueiredo Ferraz

Foto Roberto Tersi/SME

EMEF Manoel Carlos Figueiredo Ferraz

Foto Roberto Tersi/SME

EMEF Manoel Carlos Figueiredo Ferraz

Foto Roberto Tersi/SME

EMEF Manoel Carlos Figueiredo Ferraz

Foto Roberto Tersi/SME

Na Sala de Leitura, as **sequências de atividades** podem ser entendidas como um conjunto de propostas articuladas, com objetivos claros, visando à formação de leitores, ampliação de repertório, apreciação literária e desenvolvimento do comportamento leitor. Podem envolver murais de leitura com indicações de novas obras, resenhas de livros, sessões compartilhadas do Clube de Leitura e muitas outras ações que garantem o sentido principal desse ambiente: a leitura. As sequências de atividades também permitem alternância do trabalho com diferentes gêneros do discurso e temas.

De acordo com Lerner (2002, p. 62), o **comportamento leitor**: "refere-se aos conteúdos que são transmitidos em situação de uso da linguagem, aqueles aprendidos enquanto os estudantes atuam como leitor e envolvem: compartilhar a leitura, comentar e recomendar o que se leu, discutir sobre as intenções implícitas de determinado texto, confrontar as interpretações geradas a respeito da leitura de um livro, com outros leitores etc."
As Sessões Simultâneas podem ser revisitadas no link abaixo, etapas, procedimentos etc.
https://novaescola.org.br/conteudo/3955/projeto-entorno-2009-parte-2-sessoes-simultaneas-de-leitura

As **atividades ocasionais** são aquelas que não precisam ter regularidade no trabalho do POSL, mas podem ser realizadas esporadicamente, tendo em vista situações específicas em que essas práticas sejam significativas, como a promoção da leitura dos livros com a chegada do acervo novo, a leitura de uma crônica ou notícia de jornal/revista sobre um tema particularmente relevante em determinado contexto. Nas atividades ocasionais, podemos oportunizar as Sessões Simultâneas de Leitura Literária.

Nessas ações, a Unidade Educacional se mobiliza na realização das sessões de leitura para todos os estudantes e crianças, considerando a seleção dos livros, os diversos espaços da unidade educacional (salas de aula ou salas de referência, pátio, Sala de Leitura, Laboratório de Educação Digital, jardim, entre outros) e as etapas que antecedem a realização da atividade. Podem atuar como mediadores os professores, funcionários estudantes, pais, bem como outros membros da comunidade escolar. A ação é preparada previamente, envolvendo o coletivo de professores e comunidade escolar e elementos que farão parte da mediação. As ações podem ocorrer nas EMEFs, EMEFMs, EMEBSs, CEMEIs, EMEIs, CEIs, CEIIs e CIEJAs.

A seguir, algumas fotos que revelam uma parte do processo das Sessões Simultâneas de Leitura realizadas no CEI Luciano Mendes de Almeida, DRE Guaianazes, na EMEF João de Lima Paiva, da mesma DRE e na EMEF Silvia Martins Pires, DRE Ipiranga. Na Sessão realizada no CEI, a professora mostrou para as crianças as histórias que seriam lidas. Logo após, uma das crianças escolheu a história que queria ouvir. As sessões aconteceram na área externa. Na Sessão realizada na EMEF João de Lima Paiva, a POSL separou alguns livros para que o grupo de professores pudesse escolher, etapa que antecedeu a discussão e a preparação para a atividade. As Sessões ocorreram nas áreas externa e interna. Na EMEF Silvia Martins Pires

um dos ambientes utilizados foi a Sala de Leitura. As Sessões Simultâneas de Leitura são importantes e imprescindíveis, pois ampliam repertório, permitem a roda de conversa, estimulam as indicações literárias pelos estudantes e crianças e disponibilizam um acesso maior em quantidade e diversidades de leituras, uma vez que elas podem se repetir ao longo do ano. A composição das turmas para as Sessões se dá pela escolha da história e não pela turma, favorecendo também a integração, o respeito ao interesse da criança ou estudante. O processo completo para a realização das Sessões Simultâneas pode ser visto no link: https://novaescola.org.br/conteudo/3955/projeto-entorno-2009-parte-2-sessoes-simultaneas-de-leitura

CEI Direta Luciano Mendes de Almeida

Foto Daniel Carvalho/SME

CEI Direta Luciano Mendes de Almeida

Foto Daniel Carvalho/SME

CEI Direta Luciano Mendes de Almeida

Foto Daniel Carvalho/ SME

EMEF João de Lima Paiva

Foto Daniel Carvalho/SME

EMEF João de Lima Paiva

Foto Daniel Carvalho/SME

EMEF João de Lima Paiva

Foto Daniel Carvalho/SME

EMEF João de Lima Paiva

Foto Daniel Carvalho/SME

Foto Laudiane Lira

Os projetos: Jovens Mediadores de Leitura, Clube de Leitura, Sarau Literário, citados anteriormente, estão na Instrução Normativa nº 34/2019 como específicos e preferenciais para Sala de Leitura, pois, na sua gênese, está a promoção de leitura e formação de leitores, considerando os diferentes perfis de estudantes, dialogando, assim, com os conceitos norteadores do Currículo da Cidade: inclusão, educação integral e equidade. Contudo, há outros projetos de leitura que podem ser desenvolvidos de acordo com o Projeto Político Pedagógico da Unidade Educacional e que podem colaborar na promoção da leitura e na formação de leitores por compartilharem dos princípios do Programa Salas e Espaços de Leitura.

Para o desenvolvimento dos projetos e das atividades da Sala de Leitura é de fundamental importância o conhecimento e a organização do acervo

Acervo

Os acervos destinados às Salas e Espaços de Leitura são de dois tipos: acervo inicial, encaminhado às Unidades Educacionais recém-inauguradas e acervo complementar, encaminhado a todas as Unidades Educacionais.

Todas as obras destinadas ao acervo das Salas e Espaços de Leitura devem ser registradas, visando à organização e desenvolvimento do trabalho do POSL e o acesso aos estudantes. O registro pode ser feito de acordo com os recursos disponíveis na unidade: no Sistema de Gestão de Acervo (SGA); digitalmente, em planilha eletrônica; ou manualmente, num livro de tombo. Qualquer que seja o meio de registro, para cada título deve ser atribuído um número de tombo em ordem crescente e anotados pelo menos os seguintes dados: número de tombo, quantidade de exemplares, título, autor, editora, ano de publicação, origem (SME; MEC, no caso de livros encaminhados pelos programas federais; doação), localização do livro na prateleira, observação (para o registro de perdas ou desfazimento).

Nº Tombo	Quantidade de exemplares	Titulo	Autor	Editora	Ano de Publicação	Origem	Localização do livro na prateleira	Observação
001	2	FLICTS	Ziraldo	Melhoramentos	2009	SME	2C	

Os livros pertencentes ao acervo das Salas e Espaços de Leitura devem ainda apresentar, na página de rosto, o carimbo com a identificação da Unidade Educacional e o número de tombo/exemplar. Esses dados são importantes para a organização e registro do empréstimo de livros. Ainda sobre organização do acervo, é importante destacar que os estudantes ou membros da comunidade escolar devem ter acesso aos livros. Para isso, há necessidade de considerar que as prateleiras

tenham números e letras, que a organização seja pensada em gêneros e que os livros tenham a etiqueta com a localização da prateleira. As cores das prateleiras podem ser de livre escolha. Uma legenda na Sala de Leitura deve comunicar o que está nas prateleiras, a fim de favorecer a autonomia dos estudantes, o empréstimo e a devolução dos livros.

Há diversas formas para realizar o empréstimo de livros. Dentre algumas registradas por POSLs estão:

- Sistema de fichas do estudante e do livro. Na ficha do livro, são anotados a data em que o livro foi emprestado e o nome de quem o levou. Na ficha do estudante, registra-se a data em que o livro deve ser devolvido. Essa forma de registro de empréstimo é interessante por possibilitar ao POSL o acompanhamento do percurso das leituras realizadas pelo estudante ao longo do ano letivo.

- Filipetas nas quais são anotados o nome do livro, o nome do estudante e o ano em que estuda. Todas as filipetas de cada classe são grampeadas juntas e guardadas numa pasta. À medida que o livro é devolvido, a filipeta é dobrada, facilitando ao POSL saber quais estudantes não devolveram seus livros pelas filipetas que não estão dobradas.

- Caderno contendo os itens: nome/turma do estudante, nome/tombo do livro que levou e data de empréstimo.

- Controle de empréstimo de livros por meio do SGA.

- Outros controles podem ser pensados juntamente com o coletivo da escola dinamizando o processo de empréstimo.

Além do registro dos empréstimos e do acervo, é necessário observar a importância dos registros pedagógicos nos fazeres do POSL.

Registros

Os registros da Sala de Leitura (planos de aulas e frequência) devem ser efetuados pelo POSL no Sistema de Gestão Pedagógica (SGP). Não há atribuição de conceito aos estudantes, tendo em vista a especificidade do trabalho da Sala de Leitura, o que dialoga com a reflexão de Reyes (2012), a respeito da dificuldade em se estabelecer critérios para a avaliação de leitores na situação de mediação de leitura literária, que mobiliza especialmente a subjetividade:

> *Porque, em nossa concepção de ensino, pede-se ao professor que seja capaz de controlar, planificar e avaliar o processo de aprendizagem durante todas as etapas, do princípio ao fim, sem que nada fuja ao controle. Essa concepção, herdada da tecnologia educativa, supõe que, quanto mais a curto prazo forem os objetivos que se proponha um professor e quanto mais se materializarem em indicadores concretos, mais fáceis serão de ver, comprovar e avaliar em termos quantitativos tais objetivos. De alguma maneira, a "eficácia" do professor ainda é estimada em função do quanto de aprendizagem consegue demonstrar que seus alunos* ***obtiveram****. O que não é visível, mensurável e observável não dá pontos. O que sai da resposta esperada não vale. O que se passa fora da classe não conta. Os processos que se concluem depois de finalizado o ano letivo ou as revelações que vão surgindo paulatinamente a um ser humano, ao longo da vida, graças, talvez, a uma influência de um bom professor ou ao encontro com um livro definitivo não se qualificam. (REYES, 2012, p. 21, grifo da autora)*

Nesse contexto, podemos considerar o quão importante é o processo vivenciado pelos estudantes, as vivências literárias, as apreciações, as interações, as indicações e socializações das impressões das leituras literárias, o reconhecer-se ou não nos personagens dos livros, isto não pode ser medido por indicadores concretos.

Desta maneira, na Sala de Leitura, o registro e acompanhamento do processo podem ser feitos considerando a utilização das tecnologias, promovendo atividades de construção de blogs e páginas em redes de relacionamento em parceria com os Professores de Educação Digital, (POEDs), por exemplo. Os murais na Sala de Leitura ou em outros espaços podem ser usados para que sejam socializadas discussões sobre as obras, transformando-se em experiências enriquecedoras e colaborativas. Também são bons instrumentos de acompanhamento da relação dos estudantes com as obras indicadas para leitura, os registros de empréstimo de livros feito pelos estudantes que trazem informações importantes sobre o itinerário de leituras realizadas. Assim, todos estes instrumentos podem compor os registros e acompanhamento do processo desenvolvido na Sala de Leitura, considerando, também, as atividades e projetos da Sala. Para o compilamento destes instrumentos, podemos usar vários tipos de registro: diário de bordo, portfólio, dossiê, arquivos biográficos, entre outros. Uma possiblidade para a Sala de Leitura é o arquivo biográfico, pela sua plasticidade e comunicação com os envolvidos no processo, conforme Barbosa e Horn (2008, p. 112):

> *Os arquivos biográficos constituem-se em valioso documento de acompanhamento, que busca oferecer aos protagonistas (crianças, professores e pais) a oportunidade de reouvir, revisitar, relembrar experiências e acontecimentos...*

3

Sala de Leitura: leitura, literatura e leitores

Foto Laudiane Lira

Tendo em vista que a Sala de Leitura acolhe professores de diferentes áreas do conhecimento, este capítulo tem a finalidade de fornecer alguns subsídios que apoiam o trabalho com a mediação da leitura e que proporcionam ao POSL elementos para qualificar a sua prática.

3.1 Leitura na Sala de Leitura

Um dos primeiros pontos a destacar é que, quando abordamos a literatura, estamos também partindo de uma concepção de linguagem. Inicialmente, o termo linguagem pode se referenciar a qualquer sistema de comunicação que se estabeleça pelo uso de signos (palavras, gestos, imagens, sons, cores, formas etc.). Em relação à linguagem verbal, Geraldi (2006) aponta três concepções historicamente construídas. Na primeira, a linguagem é entendida como representação do pensamento, em que cabe ao leitor decifrar o pensamento expresso pelo escritor, não havendo espaço para interlocução entre autor e leitor. Numa segunda concepção, a linguagem verbal é entendida como um instrumento de comunicação, em que o sentido do texto seria obtido por meio da decodificação da mensagem pelo leitor. Qualquer falha na descoberta do sentido da mensagem seria atribuída a ruídos ou à inabilidade do receptor (leitor) ou do emissor (escritor) no uso do código. A terceira concepção, que fundamenta o Currículo da Cidade e o Programa Salas e Espaços de Leitura, entende a linguagem como um processo de interação entre sujeitos, que se realiza num determinado contexto cultural, histórico e social. Assim:

> *considera a linguagem como atividade, como forma de ação, como relação interpessoal, por meio da qual sentidos são produzidos sobre o mundo e pessoas, assim como são criados vínculos e compromissos anteriormente inexistentes entre elas. Além disso, a linguagem é um modo de compreensão dos significados que o mundo, as coisas e as relações entre as pessoas possuem em um dado momento, grupo social e determinada cultura. Essa forma de compreensão vai se constituindo, à medida que se realiza nas situações de interlocução. A linguagem, como hoje a conhecemos, é fruto do trabalho de todas as pessoas que a utilizaram antes de nós. Portanto, não é estática e nem está pronta em definitivo. Se podemos dizer que a linguagem é um modo de compreensão do mundo, das pessoas e das relações que estabelecem entre si, então, quando aprendemos uma linguagem, estamos nos apropriando de um modo de compreender o mundo, as pessoas e as relações que elas estabelecem entre si. Pode-se afirmar que a linguagem tanto é constituída pelos sujeitos que interagem por meio dela, quanto constitui esses mesmos sujeitos. (Currículo da Cidade Ensino Fundamental - Língua Portuguesa, p. 66)*

Há linguagens cujas formas de comunicação não são predominantemente verbais (música, artes plásticas, animações) e há outras em que predomina a palavra, como é o caso da literatura. Muitas vezes, as linguagens se entrelaçam. Nesses casos, o sentido do texto está intrínseco à articulação entre todas elas.

Na maioria das brincadeiras, dos livros e dos jogos acessíveis às crianças, há entrelaçamentos entre linguagem verbal e linguagem não verbal. O termo verbal, do latim verbum, significa "palavra", matéria-prima dos textos construídos ao falar, ouvir, ler e escrever. A linguagem não verbal é constituída por imagens em movimento ou estáticas (desenhos, pinturas, fotos), cores, sons (músicas, ruídos), gestos. A cada instante, o entrelaçamento do verbal com não o verbal se manifesta por diferentes graus de hibridismo ou de "interconectividade". Isso significa que, ao ver, ouvir ou ler, simultaneamente, realizamos a leitura de: palavras/textos, formas, volumes, planos, cores, luzes, elementos gráficos, setas, movimentos, sons, olhares, gestos, acontecimentos. Lemos "o mundo" a partir de nossa história de vida. Utilizamos nosso repertório ou nosso universo interior perceptivo, afetivo e cognitivo, a fim de que se processe a produção do sentido, ou seja, a compreensão/interpretação. E isso ocorrerá por meio do diálogo entre nós e o outro ser humano ou entre nós e o objeto lido. É importante ressaltar que "a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua" (BAKHTIN, 1982, p. 123). O foco é dirigido à interação entre os indivíduos ou a ação entre interlocutores, a qual possibilita a produção de sentido.

Essa abordagem da linguagem dialoga com a concepção de leitura que fundamenta o trabalho a ser desenvolvido nas Salas e Espaços de Leitura, que entende o ato de ler como um processo de compreensão do mundo em que sujeitos interagem com o texto e, a partir dele, interagem entre si, construindo sentidos e se construindo por meio deles. Nessa interação, estão implicados os aspectos culturais, históricos e sociais. Linguagem e realidade estão dinamicamente ligadas e, por isso, o sentido de um texto só pode ser alcançado pela leitura crítica, que estabelece relações entre texto e contexto, assim como a literatura.

Grosso modo, por **cultura surda**, pode se entender um conjunto de elementos culturais caracterizados pelas formas alternativas de produção e interação das pessoas que se reconhecem como surdas e do seu grupo social. Englobam elementos como visualidade, LIBRAS, grupos familiares, comunidades e associações surdas, criações e transformações materiais (telefones adaptados, campainhas luminosas etc.) e as produções artísticas como artes visuais, teatro surdo e literatura surda. O Currículo da Cidade – LIBRAS, consubstanciando uma luta histórica dos movimentos surdos pela visibilidade e afirmação da cultura surda, tem como um dos seus eixos estruturantes "Arte e Literatura Surda", procurando "enfatizar o uso artístico da Libras e promover, dentro da comunidade surda, a consciência da existência da possibilidade do uso da Língua de Sinais para esse fim". Para Karnopp (2010, p. 171): "A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. O material, em geral, reconta a experiência das pessoas surdas, no que diz respeito, direta ou indiretamente, à relação entre as pessoas surdas e ouvintes, que são narradas como relações conflituosas, benevolentes, de aceitação ou de opressão do surdo."

É importante destacar que o Programa Salas e Espaços de Leitura atende bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos. Sujeitos com diferentes origens e experiências de vida, de leitura e de apropriação da leitura e da escrita. No caso dos estudantes das EMEBSs, há a ainda a especificidade do trabalho em duas modalidades da língua, LIBRAS e Língua Portuguesa, e de uma produção literária que busca reproduzir artisticamente a identidade e a cultura surda.

Assim, antes de tocar diretamente no tema da literatura, suas relações com a cultura e o ambiente escolar, bem como a formação de leitores nas Salas e Espaços de Leitura, é importante que se explore, ainda que de maneira muito breve, o motivo maior dessas reflexões: bebês, crianças, jovens e adultos e seu contato com a leitura.

3.2 Infância e adolescência: abordagem histórico-cultural

Quando se discute infância e adolescência, e aqui o campo de observação recai sobre as culturas ocidentais, é necessário o entendimento desses dois termos como concepções culturais e historicamente produzidas e, como produtos, elas se modificam em meio a um território onde também se produzem as práticas pedagógicas.

A concepção de infância começa a ser delineada no Século XVII e se consolida com a ideia de família burguesa em meados do século XIX (ARIÈS, 1986). A outra, a adolescência, é mais recente, mas definitivamente introduzida de maneira mais marcante no imaginário ocidental em meados do século passado, tendo como ícone o ator James Dean atuando em "Juventude Transviada". Talvez esse seja o marco para que o mercado encontrasse condições de exportar essa imagem de "adolescente rebelde" para todo o ocidente e foi uma questão de pouco tempo para que ela fizesse parte do imaginário em outros cantos do mundo.

Em várias culturas, não existe a adolescência da maneira como a conhecemos no mundo ocidental. A maturidade dos indivíduos é reconhecida pelo amadurecimento físico, momento em que o grupo social se reúne e, por meio de rituais de iniciação tradicionais, submetem os jovens a determinadas tarefas que, se cumpridas de acordo com os preceitos, os tornam adultos perante os olhos da comunidade.

Na nossa sociedade, a invenção da adolescência não conseguiu satisfazer o mercado e a consequência dessa sede foi a criação de outro "nicho": a hoje chamada "pré-adolescência", outra criação cultural e histórica. Evidente que podemos constatar a puberdade e suas transformações no corpo humano, transformações essas causadoras de algumas mudanças comportamentais, mas, hoje, o comportamento do adolescente é moldado pela situação cultural e econômica de cada grupo social e retroalimentado pelo mercado, numa tentativa de prorrogar a juventude a todo custo.

3.3 Literatura

Um texto literário é aquele que possui predominância da função poética da linguagem, ou seja, a língua nele utilizada não tem o mesmo valor daquela utilizada para a comunicação diária, para que o indivíduo se locomova numa cidade, faça suas atividades, ou mesmo interaja com uma notícia ou com um anúncio classificado. Nem mesmo a língua utilizada no fazer pedagógico cotidiano é a mesma que se usa na literatura.

A literatura faz uso da língua como uma matéria-prima para construir arte. Literatura é arte e, como tal, utiliza-se de dois pontos de articulação do texto.

O primeiro ponto de articulação é pertencente ao universo do próprio texto. Como se concebem as personagens? Quais os recursos linguísticos que o autor utiliza para criar espaços, tempos e ações? Vejam que o texto literário e a língua nele utilizada fazem referência a um universo próprio e pertencente àquele universo intrínseco ao texto.

A outra articulação é aquela que o texto faz com o contexto de sua produção, isto é, produzir literatura é expressar uma experiência existencial/social/cultural. Desse modo, a literatura toca o mundo, refere-se ao mundo por meio de uma linguagem artística, não da mesma forma que a língua e os textos utilizados na vida diária fazem, apenas apontando para um fato, para um referente fora do texto, no mundo que chamamos de real. Pensando assim, na leitura de um texto literário, a tarefa do leitor é perceber a arquitetura daquele universo, como ela se constrói, entrar no texto, conhecê-lo e, depois, relacionar os dois universos: o da arte e o da vida cotidiana.

Então, a literatura se utiliza da palavra, dos modos de uso da língua e da linguagem, como a pintura se utiliza de tintas, pincéis e telas para produzir um universo específico.

Observar o comportamento de diferentes textos e as relações que eles guardam com o tempo e com os referenciais da vida em sociedade é formar uma memória de textos e de discursos que se relacionam entre si, com toda a humanidade, em todos os tempos, mas somente a literatura, por promover essa dupla articulação e por discutir valores humanos na forma da arte, pode atravessar tempos e lugares. A esses textos que falam de valores e conflitos humanos de forma artística e não perdem seu valor, damos o nome de clássicos, que podem utilizar diferentes materiais e linguagens: como a pintura, a música, o cinema e, quando a palavra se faz matéria prima para a produção da arte, tem-se um clássico da literatura.

3.4 Literatura infantil/juvenil: questões conceituais e históricas

Para iniciar a discussão sobre a literatura produzida para crianças e jovens, é importante citar a seguinte postura de Todorov (2009, p. 22), de que a literatura não nasce do nada, mas no conjunto de culturas e de discursos produzidos pelas sociedades e culturas. Talvez seja por isso que o entendimento daquilo que é literatura muda no decurso da história.

Quando se fala de literatura infantil e juvenil, o cuidado a ser tomado é não apenas escolher um tipo de texto moldado para essa ou aquela etapa do amadurecimento humano, ao contrário, a boa literatura pode e deve ser lida em todas as fases da vida. Evidente que, nos dias de hoje, inúmeros são os títulos voltados ao público infantil e juvenil, com projetos gráficos atraentes e temáticas atuais. No entanto, até pouco tempo era diferente.

A visão eurocêntrica da educação no Brasil, iniciada pelos jesuítas, perdurou até praticamente o século XX, período em que a literatura infantil/juvenil toma uma forma mais autônoma em nosso país, antes pelos nacionalismos, a exemplo de Bilac, Viriato Corrêa e Júlia Lopes de Almeida e, depois, com trabalhos que buscavam a discussão de temas cotidianos, apoiados por leis e propostas curriculares provindas do pensamento e da ideologia de vários governos.

Nos anos de 1920, surge Monteiro Lobato e na esteira de um projeto de educação para o país, inicia sua obra, que mudaria o curso dessa modalidade de literatura. A Monteiro Lobato se deve a inserção da voz da criança nos livros e a

mudança para a linguagem coloquial, buscando aspectos mais prazerosos na leitura, entre outras transformações na concepção do livro de literatura para crianças.

Após o processo de redemocratização e de abertura política, os anos 90 trouxeram para o Brasil a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996). Com ela, foram introduzidas temáticas até então apagadas na literatura infantil, muitas vezes consideradas impróprias para o âmbito escolar, como sexualidade e outras fomentadas a partir de outras legislações, tais como a pluralidade cultural e étnico-racial (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008).

3.5 A Literatura na escola: relação com a história e a cultura

Na opinião de muitos estudiosos (COLOMER, 2007; LAJOLO, 2008; ZILBERMAN, 1991; ZILBERMAN e SILVA, 2008), a tradição e as visões sobre a presença da literatura no conjunto de componentes curriculares pode ter sido responsável por um comportamento observado de maneira mais marcante na atualidade: o distanciamento dos estudantes de algumas práticas de leitura e do convívio com os textos literários.

No caso específico do Programa Salas e Espaços de Leitura, a leitura literária deve ser vista de maneira a ser mais atrativa para o leitor, desprovida dessas amarras históricas da relação literatura/história, que tendiam para uma didatização do texto literário. Nesse sentido, saboreia-se realmente a leitura e o contato com o objeto livro torna-se mais livre e criativo.

Pensando assim, adota-se a seguinte concepção de literatura proposta por Candido (2004, p. 71):

> *Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.*

A partir dessa concepção, podem ser discutidas algumas questões ligadas à literatura e às Salas e Espaços de Leitura, considerando a importância da participação de todos os profissionais da educação envolvidos no processo de elaboração de programas e atividades com a literatura nesses ambientes.

Numa concepção de leitura, permeada por práticas da literatura escolarizada, há a necessidade de estudar detalhadamente cada gênero, as figuras de linguagem, a biografia do autor e algumas imposições teóricas que, às vezes, distanciam o estudante do prazer da leitura literária e resultam no consequente afastamento do hábito de ler textos dessa natureza. Como as Salas e Espaços de Leitura trabalham na perspectiva da leitura de fruição, o que aproxima os estudantes da leitura literária dos diferentes gêneros e das arquiteturas pessoais, outros aspectos detalhados anteiormente podem ser trabalhados nas aulas de língua portuguesa, assim, não há detrimento de uma intenção em relação à outra.

Na escola, a tradição da leitura literária ficou restrita durante muito tempo ao caráter de escolarização da literatura e, em seu papel de formar leitores literários, valorizou a maneira de formá-los para o seu próprio consumo, para suas atividades de avaliação, para a inserção em novas etapas de ensino ou para os exames vestibulares.

Nesse contexto, é importante que a sociedade e os profissionais da educação busquem mudanças na maneira de pensar a formação de leitores e promovam a leitura da vida e da sociedade, reorganizadas no e pelo texto literário desde a primeira infância. Esse é um dos principais objetivos das Salas e Espaços de Leitura, ou seja, a criação de ambientes e condições para que a leitura seja uma atividade prazerosa e significativa, para além do círculo da escola.

Imersos numa sociedade do desmanche, com padrões e conceitos derrubados todos os dias (BAUMAN, 2001), os leitores em formação precisam aprender a ler o outro, ler a multiplicidade das relações humanas que se processam nos meandros da vida social, que se modifica num constante fazer historicamente produzido. Nesse debate de vozes e textos que contribuem sobremaneira para as trocas culturais e para as mudanças sociais, a literatura deve ocupar um lugar de destaque, um lugar político por excelência, pois o leitor vai se construindo como um sujeito agente na cena social.

É neste ponto que surgem discussões sobre a validade ou não de indicar a leitura de alguns livros para crianças, jovens e adultos neoleitores, surdos ou não, tais como alguns clássicos, mesmo adaptados. Por que não indicar? Crianças, jovens e adultos neoleitores não têm direito de tomar contato com esse produto estético da experiência humana?

Sobre isso, o seguinte trecho de Candido pode levar a um pensamento diferente sobre a literatura na escola:

> *[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 2004, p. 191)*

Assim, narrativas como os mitos constituem-se importantes relatos de um tempo em que o pensamento humano não se estruturava de maneira compartimentada como hoje, já que ainda há instituições escolares que pensam a religião, o direito, a medicina e as artes de modo estanque e cada qual na sua esfera de atuação, cada um com um tipo de texto em um componente curricular.

Os mitos procuravam explicar o mundo e o homem por meio de uma textualidade em que se atribuem vozes a diversos saberes, do espiritual e do transcendente ao mágico, do ético ao científico. É um direito de qualquer leitor ter acesso a esse tipo de texto.

Pensando desse modo, mitos, lendas e os contos de origem popular são importantes tratados de uma etapa do amadurecimento do homem no seu aprendizado social, tratados esses em que se consegue penetrar outro tempo e vislumbrar textos capazes de condensar vários campos do pensamento humano de então numa textualidade em que se encontram também aspectos de literariedade.

Transformações na prática social em várias épocas inseriram novas maneiras de representar as relações das diferentes culturas espalhadas no mundo e houve um tempo em que escritores começaram a olhar para a sociedade que os rodeava, de maneira a tomar apenas um breve instante ou uma situação que representava um traço da identidade do grupo.

Os meios de comunicação se tornaram cada vez mais práticos como instrumentos de produção dos textos e mais eficazes na divulgação das ideias. Assim, foi se fortalecendo a escrita e a leitura de crônicas.

Oferecer uma crônica para o estudante, por exemplo, significa trazer um texto que discute um fragmento da vida social, um retrato de uma parte do mosaico cultural no qual ele se insere; é oferecer uma parte do espelho, para que o indivíduo perceba maneiras diferentes de conceber e representar características sociais proeminentes em determinadas culturas. Os estudantes de qualquer idade

podem vivenciar essa experiência na sua vida diária, às vezes, de maneira conflituosa, sendo direito seu tomar contato com a representação desse cotidiano pela palavra-arte.

O poema, em todas as etapas da vida escolar, pode ser oferecido no sentido de promover atividades lúdicas e criativas nas atividades de leitura, desde que o estudante perceba a multiplicidade de sentidos que a linguagem verbal pode assumir, assim como também sua utilização, estimulada num outro sentido, não no pragmático da linguagem cotidiana, mas por meio da percepção de sua sonoridade (ou visualidade, no caso da poesia surda), ritmo e no jogo de palavras e seus significados[9].

As Salas e Espaços de Leitura têm por objetivo inserir a literatura e trazer os estudantes a um convívio real com o texto literário, procurando a formação de leitores mais plurais e críticos com as formas de produção artística que envolvem a palavra, até mesmo pelo avanço das tecnologias capazes de criar novas maneiras de divulgação e de produção artística pela linguagem verbal, bem como de novas possibilidades de recepção de textos por meio dos inúmeros suportes textuais disponibilizados na contemporaneidade.

Por outro lado, muito se comenta sobre a quantidade de títulos lançados, sobretudo para crianças e para os jovens, muitos com qualidade literária e projetos gráficos bem trabalhados e de vanguarda. Mas, em meio a esses lançamentos que deveriam ser inseridos entre as obras rotuladas como literatura (sem os adjetivos que indicam o seu receptor: infantil ou juvenil), há uma série de livros produzidos com objetivos marcadamente comerciais para atender a conteúdos e propostas escolares, seja quanto ao tema, seja quanto ao gênero que, supostamente, representam de maneira mais didática.

Para que a literatura – para públicos de quaisquer faixas etárias e de diferentes perfis – não se torne mais um componente curricular desvinculado totalmente da vida do estudante, a inserção da leitura literária e da literatura nas Salas e Espaços de Leitura deve ser pensada de maneira a trazer a possibilidade de o indivíduo conhecer e interagir de maneira mais autônoma com um mundo construído de linguagem. Mais uma vez citando Candido:

9 Para alguns subsídios para o trabalho com a leitura de textos poéticos, consulte SORRENTI, Neusa. A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. Alguns aspectos da poesia surda podem ser encontrados em: KARNOPP, L. B e BOSSE, R. H. Mãos que dançam e traduzem: poemas em Língua Brasileira de Sinais. Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea nº 54, UnB, p. 123-141, maio/agosto 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/10362> Acesso em: 28/01/2020.

> *Ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. [...] Desse modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte do inconsciente e do subconsciente. (CANDIDO, 2004, p. 175)*

Assim sendo, a literatura, além de promover o conhecimento do próprio indivíduo e da sua frágil condição humana, também deve instaurar diálogos com outras artes e com outras formas de produção do conhecimento, pois a literatura é constantemente construída pelas relações dialógicas que mantém com outros tipos de texto, com outros saberes.

Nas Salas e Espaços de Leitura, é imprescindível discutir com professores e estudantes a necessidade de uma concepção de literatura como um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial–social-cultural. O texto literário traz ao seu leitor a experiência de um indivíduo imerso numa determinada cultura de um grupo social específico (o escritor) que, num determinado momento, traduz uma ou várias questões dessa relação (re)criada por um fazer estético que também tem relação com o momento histórico dessa sociedade da qual o texto emerge e com a qual procura dialogar.

Para que se adote essa perspectiva, é de suma importância a valorização das relações existentes entre literatura, história e cultura, visto que nenhum texto, principalmente o literário, surge do nada, pelo contrário, ele é uma parte de um diálogo maior promovido nos mais diferentes dilemas da vida social.

Entendida desse modo, a literatura configura-se como um importante documento para a compreensão de relações culturais e de conflitos.

3.6 Os sujeitos leitores de Literatura na escola

Quando se diz do papel da escola na formação de sujeitos leitores de literatura, diz-se também, principalmente, do reconhecimento do meio com o qual o estudante irá interagir e atuar como sujeito e, nesse ponto, a literatura pode oferecer importantes alternativas de superação e de resolução de conflitos, fazendo-o por meio da ficção e com diferentes representações estéticas.

Essa necessidade de um olhar diferenciado para o trabalho com a literatura e para a abordagem da literatura para bebês, crianças adolescentes, jovens e adultos

no espaço escolar, sobretudo nas Salas e Espaços de Leitura, pressupõe outra perspectiva para a literatura, não apenas como um bloco de textos circunscritos numa linha temporal, mas numa concepção mais ampla e dinâmica, em que se volta a atenção para as características que inserem um determinado texto no âmbito de outras produções artísticas com a linguagem. Desse modo, é importante que se volte a atenção para a literatura propriamente dita e a prática de leitura.

O que se discute, então, é a necessidade de o POSL ser um sujeito leitor e fundamentar-se para a escolha de obras literárias para as atividades escolares, e não somente utilizando-se de parâmetros, tais como o tema ou o gênero. Esse posicionamento pode ser amenizado nas Salas e Espaços de Leitura, pois a prática de leitura nesses ambientes deve ser mais livre, buscando despertar o prazer pela leitura e a relação entre as obras ditas literárias e a vida do estudante/leitor, sempre permeado pelo estético, pelo artístico e pelos questionamentos proporcionados pela arte.

Ainda relembrando a passagem de Candido (2004, p. 191), pensar a literatura como direito do indivíduo, não apenas obedecendo a leis educacionais e propostas pedagógicas governamentais, deve exigir um planejamento de ensino em que se mostram claramente quais são os saberes essenciais para a vida do estudante num universo social que se apresenta cada vez mais diverso e múltiplo.

Essa postura seria uma boa forma de evitar o acúmulo de conhecimentos empilhados que em muito distanciam o indivíduo da prática social e das enriquecedoras experiências promovidas pelas trocas culturais por meio do texto literário, iniciados pela literatura infantil e se expandindo por outras literaturas.

Assim pensando, há pressupostos elaborados por Coelho (2000), que podem ser aplicáveis para o trabalho com a literatura para bebês, crianças, adolescentes, jovens e adultos. Alguns deles são:

- Entender a infância e a adolescência como concepções culturais e historicamente produzidas e, desse modo, num mesmo espaço geográfico podem conviver diferentes manifestações culturais que possuem concepções distintas dessas duas categorias; no caso do Brasil e mesmo da cidade de São Paulo, populações indígenas, quilombolas, imigrantes e refugiados de diferentes origens podem olhar para essas etapas da vida de modo diferenciado em razão de suas tradições culturais.

- Concepção da criança e do adolescente como aprendizes de cultura, aprendizado esse que se estende por toda a vida e, dessa maneira, a formação do leitor e a interação com as diversas materialidades assumidas pelas culturas são passíveis de serem questionadas/ ampliadas ao longo de toda a existência humana.

- Compreensão da literatura como fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial/social/cultural[10] e pensar que a produção de um texto literário vem da necessidade de o indivíduo se manifestar pela arte da palavra sobre questões de sua existência, questões essas imersas numa prática social e cultural.

- Valorização das relações existentes entre literatura, história e cultura, ou seja, não há como apartar um produto tão expressivo e valorizado de uma cultura, sem relacioná-lo com o seu tempo de produção e com as condições sociais e históricas que o constituíram.

- Compreensão da leitura como um diálogo entre leitor e texto e entre tempos e contextos às vezes bastante distantes. Isso se deve ao próprio vínculo da literatura com os valores da época de sua produção.

- Compreensão da escrita como ato interdiscursivo e intertextual, que seria a mesma coisa que dizer da impossibilidade de um texto nascer num vazio, sem relação alguma com as outras produções culturais que o precederam e com as quais convive.

Esses pressupostos podem ser considerados para o trabalho com a literatura, realizado com diferentes perfis de leitores, já que se articulam com as ponderações apresentadas para a atuação do mediador de leitura, no sentido que orientam para uma escuta atenta para a diversidade de origens, culturas e experiências de leitura.

3.7 Os sujeitos leitores: multiplicidade e movimento

Se aquilo que se pretende é a formação do leitor, há necessidade de entender que ele não adentra ao ambiente da Sala de Leitura desprovido de leituras de mundo. Da mesma forma, não se pode, de modo algum, relacionar o leitor com o nível de escolaridade, pois um leitor crítico se forma ao longo de sua vida, no contato com a gama de textos produzidos na e pela cultura da qual faz parte. Além disso,

10 No caso da literatura para crianças, a experiência existencial/social/cultural é a do escritor que, geralmente, é um adulto que busca elaborar um texto que mobilize aspectos da experiência existencial da criança.

a disponibilidade de tecnologias de informação e conhecimento possibilitam aos estudantes outras experiências de leitura para além do livro.

Sobre a leitura de textos escritos num contexto de novos suportes e estrutura hipermidiática, Santaella (2004, p. 15-31) realizou diversos estudos sobre a leitura e o leitor em tempos de ciberespaço e, com base nesses suportes, classificou o leitor da seguinte maneira:

- Leitor contemplativo: aquele leitor que geralmente aparece em gravuras e em bibliotecas tradicionais com um livro na mão e isolado do mundo que o rodeia, como que contemplando e meditando sobre aquele texto que repousa em suas mãos.

- Leitor movente: com a revolução industrial e muitas mudanças nas relações do indivíduo com a sociedade e os espaços que habita, o leitor passa a ser um ser movente em meio a textos que se espalham pelas ruas, pelos outdoors e mesmo o texto passa a se mover com o avanço do cinema, por exemplo.

- Leitor imersivo: a sociedade passa a dispor de novas tecnologias e suportes para os textos, suportes esses que divulgam textos em rede, textos que vão conduzindo o leitor a outros textos por meio dos links, e o leitor passa a tomar outras posturas na atividade leitora, produzindo tantos textos quantos a teia hipermidiática conseguir conduzi-lo, imerso que está nessa teia de textos.

Importante pensar que, na atualidade, com o avanço das tecnologias de informação e alterações profundas na maneira como as pessoas se relacionam e são chamadas para um mundo virtual, encontra-se um novo tipo de leitor: um leitor ubíquo. A ubiquidade é a capacidade de estar em vários lugares virtuais ao mesmo tempo sem fincar raízes nesses universos e, às vezes, tendo dificuldade de voltar sua atenção à materialidade das relações e tem sido a grande preocupação de profissionais da educação.

Hoje, pode-se dizer que as pessoas que vivem nessa fluidez do mundo vivem as experiências de leitores de todos os tempos, sendo ao mesmo tempo leitor contemplativo, movente, imersivo e ubíquo. Nesse sentido, há que se perceber que esse homem da sociedade atual, numa tarefa de leitura cotidiana, acessa as experiências leitoras e performances de todos os tempos, ou seja, gira a tela como se fosse um pergaminho ou vira as páginas do seu e-book como se um livro de papel estivesse em suas mãos, sendo que todas essas ações são executadas num objeto que, embora feito de material sintético, assemelha-se aos tabletes de argila das grandes bibliotecas da antiguidade, daí o seu nome: *tablet*.

Como atrair a atenção desses indivíduos que estão com um pé no mundo chamado de real e outro na virtualidade de um universo que vem se moldando há pouco, mas de maneira tão veloz?

Como mediador de leitura, o professor precisa ser um leitor que esteja mergulhado no universo da leitura e experimentando novos caminhos junto aos seus estudantes, caminhos esses sempre avaliados no seu conjunto e nas efetivas contribuições para a formação do leitor.

Nessa proposta, o (re)conhecimento da realidade cultural daqueles para quem procuramos mediar a leitura de um texto é primordial para que as atividades sejam diversificadas e a pluralidade de textos e vozes consiga formar um leitor também plural.

3.8 A escolha de um livro de Literatura Infantil/Juvenil

Já apontamos que a tarefa de seleção dos textos implica na observação atenta do leitor, do contexto em que ele está inserido e sem se limitar a critérios fixos e fechados. No entanto, algumas dúvidas podem surgir no momento de escolher um livro de literatura para bebês, crianças, adolescentes e jovens. Como escolher um livro que motive a leitura e seja adequado aos leitores? Como ter certeza de que o livro é bom? Como avaliar as linguagens não verbais nele constantes? Em meio a essas dúvidas, podem ser elencados princípios básicos para a apreciação de livros voltados a esse público, lembrando que a literatura de qualidade pode e deve ser lida por leitores de todas as idades, em todas as etapas da vida. Mas, apenas de modo a facilitar as escolhas do POSL, os seguintes aspectos podem ser observados na avaliação da qualidade de um livro infantil/juvenil entre outros:

- A relação da linguagem verbal com outras linguagens não verbais amplia a leitura do texto? Como se dá a articulação do verbal com o não verbal na obra que se está analisando? Há várias razões e funções para a ilustração e outras linguagens presentes no texto, mas como ocorre o diálogo entre elas? A ilustração apenas complementa o verbal? Faz pensar? Amplia novos significados? Busca interlocução com o universo do leitor? Esses são pontos importantes para estimular a leitura de uma obra e formar um leitor de múltiplas linguagens.

- Verificar se há ilustrações ou mesmo se a linguagem verbal apresenta estereótipos e preconceitos de qualquer espécie. Num mundo em que o respeito às diversidades é primordial, o cuidado para não repetir preconceitos por meio da leitura é de extrema importância. Às vezes, um detalhe numa

ilustração pode dar margem a discussões sobre todas as diversidades e fazer com que a obra seja rejeitada por alguns leitores. De qualquer modo, o professor deve ficar atento também às observações dos leitores, pois, muitas vezes, não se observam preconceitos quando não se está inserido em determinados lugares sociais.

- Questionar se o projeto gráfico tem qualidade, ou seja, o tamanho, a forma e até o papel do livro tem relação com o tema nele desenvolvido. Às vezes, até o papel é um fator importante para deixarmos de escolher um livro e tudo isso deve ser levado em conta na formação de um leitor que consiga dialogar com o mundo que o rodeia na qualidade de agente de mudanças.

Importante pensar que todos esses aspectos podem ser ampliados, por meio das observações dos próprios leitores e, muitas vezes, o mediador até muda sua opinião sobre um livro após uma boa roda de leitura, pois todos esses elementos vão assumindo novas matizes na medida em que se forma um leitor por toda a vida.

Outra observação necessária é que não se pode escolher um livro para esta ou aquela idade, pois, num país tão diverso e desigual como o Brasil, nada pode garantir que todas as crianças de seis anos, por exemplo, sejam capazes de ler e apreciar determinada obra que se convencionou estipular para essa faixa etária. Como já vimos, o foco do mediador de leitura deve estar nas potencialidades do leitor, não nas carências.

Foto Laudiane Lira

Foto Daniel Cunha/SME

Referências

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel. **Teoria da literatura.** Coimbra: Almedina, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de Andrade. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1967.

ANDRUETTO, María Tereza. **Por uma literatura sem adjetivos**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

ARROYO, Leonardo. **Literatura Infantil Brasileira.** São Paulo: Editora UNESP, 2011.

AZEVEDO, Ricardo. **Dezenove poemas desengonçados**. São Paulo: Ática, 1999, p.41.

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1982

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BATISTA, Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de O. **Leitura:** práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BIARNÈS, Jean. **Universalité, diversité et sujet dans l'espace pédagogique**. Paris: L'Harmattan, 1999.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2ª. ed. Rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Ao revés do avesso:** leitura e formação. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

BUENO, Belmira; REZENDE, Neide. Formador de leitores, formador de professores: a trajetória de Max Butlen. **Educação e Pesquisa** - Revista da Faculdade de Educação da USP, v. 41, p. 543-564, 2015.

BUTLEN, Max. Para novas cooperações entre escolas e bibliotecas: retorno aos objetivos e missões. **Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente, Ano XVIII, v. 21, n. 22, p. 33-42, jan./abr. 2012.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2011.

CAMARGO, Luís. **A ilustração do livro infantil.** Belo Horizonte: Editora Lê, 1995.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

_____. **Formação da literatura brasileira:** momentos decisivos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.

_____. **Literatura e Sociedade.** São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever.** São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CECCANTINI, João Luíse PEREIRA, Rony Farto (Orgs.). **Narrativas juvenis:** outros modos de ler. São Paulo: Editora UNESP; Assis, SP: ANEP, 2008.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: Ed. da UNESP / Imprensa Oficial do Estado, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. P**anorama Histórico da literatura infantil e juvenil.** São Paulo: Amarilys, 2010.

_____. A Literatura Infantil. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros:** a leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

DINORAH, Maria. **O livro na sala de aula.** Porto Alegre: LP&M, 1987.

DUBET, F. **O que é uma escola justa?** A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura:** uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1962.

EVANGELISTA, Aracy Alves M. (Org.). **A escolarização da leitura literária:** o jogo do livro infantil e juvenil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da leitura no Brasil** 4. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/RetratosDaLeitura2016_LIVRO_EM_PDF_FINAL_COM_CAPA.pdf> Acesso em: 16 dez. 2019.

FERRAZ, Maria Heloisa C. T. e SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idmea. **Arte-Educação:** vivência, experienciação ou livro didático. São Paulo: Loyola, 2003.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura.** São Paulo: Editora Unesp, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1984.

_____ e GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia:** novos diálogos sobre educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, Marcos Cezar (Org.) **História Social da Infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____ e KULMANN JR., Moysés (Orgs.). **Os intelectuais na História da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil, múltiplas linguagens e formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

_____. **Literatura juvenil, adolescência, cultura e formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2011.

JESUALDO. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix/USP, 1978.

JOLLES, André. **As formas simples.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

JOUVE, Vincent. **A leitura.** Trad. Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

JUVENTUDE **Transviada**. Direção: Nicholas Ray. EUA, 1955. (111 min).

KARNOPP, Lodenir B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. In: **Cadernos de Educação nº 36**. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, p. 155 - 174, maio/agosto 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1605/1488>. Acesso: 16/01/2020.

KHEDE, Sônia Salomão (org.) **Literatura Infanto-Juvenil:** um gênero polêmico. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

_____. **Personagens da Literatura Infanto-Juvenil**. São Paulo: Ática, 1986.

KHISHIMOTO, Tizuko e OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **Em busca da Pedagogia da Infância**. Porto Alegre: Artmed/Penso, 2013.

LAJOLO, Marisa e CECCANTINI, João Luís (Orgs.). **Monteiro Lobato, livro a livro**: Obra infantil. São Paulo: Editora da Unesp, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: 2008.

_____ e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 2009.

_____ e ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita:** livro e literatura no Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

_____ e ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira:** História & Histórias. São Paulo: Ática, 2002.

_____. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **Usos e abusos da Literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LEAHY-DIOS, Cyana. **Educação literária como metáfora social: desvios e rumos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LERNER, Délia. **Ler e escrever na escola:** o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIMA, Aldo de (Org.). **O direito à literatura**. Recife: ED. Universitária da UFPE, 2012.

LÓPEZ, Maria Emília. **Emancipação dos bebês leitores:** o pequeno leitor "emancipado". In: **Caderno Emília nº 1**. São Paulo: Instituto Emília, 2018, p. 27-48. Disponível em: <https://revistaemilia.com.br/cadernos-emilia/> Acesso em: 30/12/2019.

MACEDO, Neusa Dias de e SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idmea. **Biblioteca Pública / Biblioteca Escolar de país em desenvolvimento:** diálogo para reconstrução de significados com base no Manifesto da UNESCO. [Prefácio de Alfredo Bosi]. São Paulo: FEUSP/CRB-8, 2000.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortari. **Leitura, literatura e escola.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave de análise do discurso.** Trad. Márcio Venício Barbosa e Maria Emília Amarante Torres Lima. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MARTINS, Maria Helena. **Crônica de uma utopia**. Leitura e literatura infantil em trânsito. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MENDES, Mônica Fatima Valenzi. **Sala de leitura nas escolas da rede municipal de ensino de São Paulo:** uma inovação que resiste às descontinuidades políticas. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.

MORAN, Edgar. **A cabeça bem feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

NASCIMENTO, Érica P. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PALO, Maria José e OLIVEIRA, M. Rosa. **Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1986.

PAZ, Noemi. **Mitos e Ritos de Iniciação nos Contos de Fada.** São Paulo: Pensamento, 2005.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura.** São Paulo: Summus, 1990.

PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público.** São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PLACCO, Vera M. N. S.; SOUZA, Vera Lucia Trevisan. Identidade de professores: considerações críticas sobre perspectivas teóricas e suas possibilidades na pesquisa. In: CORDEIRO, Alciene F. M. et alii.(Orgs.) **Trabalho docente:** formação, práticas e pesquisa. Joinville, SC: Ed. Univille, 2010.

QR Code Generator. Página Inicial. Disponível em: <https://br.qr-code-generator.com/ > . Acesso: 14.09.2020.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Almedina, 2007.

RESENDE, Vânia Maria. **Ziraldo e o livro para crianças e jovens no Brasil:** revelações poéticas sob o signo de flicts. São Paulo: Humanitas/Paulinas, 2013.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar:** literatura, escrita e educação. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

_____. Mediadores de leitura. In: **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores, c2014. Disponível em: http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura. Acesso em: 30 abril 2019.

ROCCO, Maria Tereza Fraga. **Crise na linguagem.** São Paulo: Mestre Jou, 1981.

ROSEMBERG. Fúlvia. **Literatura Infantil e ideologia.** São Paulo: Global, 1984.

RÖSING, Tânia M. K. e BURLAMAQUE, Fabiane (Orgs.). **De casa e de fora, de antes e de agora:** estudos de literatura infantil e juvenil. Passo Fundo: Editora da Universidade Federal de Passo Fundo, 2010.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade.** São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2008.

SANDRONI, Laura. De Lobato a Bojunga. **As reinações renovadas.** Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1987.

SANT´ANNA, Marco Antônio Domingues. **O gênero da parábola.** São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo**.** São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Fabiano, MARQUES NETO, José Castilho e RÖSING, Tânia (Orgs.). **Mediação de leitura:** discussões e alternativas para a formação de leitores. São Paulo: Global, 2009.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Sala de Leitura 45 anos.** São Paulo: SME / COPED, 2017.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade:** Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. São Paulo: SME / COPED, 2019.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade:** Ensino Fundamental: Arte. São Paulo: SME / COPED, 2019.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade:** Educação Infantil. São Paulo: SME / COPED, 2019.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade:** Educação de Jovens e Adultos: Língua Portuguesa. São Paulo: SME / COPED, 2019.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade:** Educação de Jovens e Adultos: Arte. São Paulo: SME / COPED, 2019.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade:** LIBRAS. São Paulo: SME / COPED, 2019.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade:** Língua Portuguesa para Surdos. São Paulo: SME / COPED, 2019.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Leitura ao Pé da Letra:** caderno orientador para ambientes de leitura. São Paulo: SME/DOT, 2012.

SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idmea. Modos de ler textos informativos impressos / virtuais e questões sobre memória: estratégias para alavancar a construção do conhecimento em diferentes disciplinas. In: REZENDE, Neide Luzia de; RIOLFI, Cláudia Rosa.; SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idmea. (Orgs.). **Linguagem e Educação:** implicações técnicas, éticas e estéticas. São Paulo: Humanitas, 2006 p. 169-203.

_____. Brincar com linguagens na Educação Infantil: espaço-tempo para falar, ouvir, cantar, representar, desenhar, ler e escrever. In: KISHIMOTO, Tizuko. (Org.) **Brinquedos e brincadeiras na creche e na pré-escola.** Brasília: MEC- TV ESCOLA / Salto para o Futuro, boletim nº 12, junho 2013 p. 27-40

_____. Questões de letramento emergente e do processo de alfabetização em classes do ensino fundamental para crianças de 6 anos. In: KISHIMOTO, Tizuko; OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. **Em busca da Pedagogia da Infância:** pertencer e participar. Porto Alegre: Artmed/Penso, 2013 p. 85-109

_____. Magia / Arte & Informação / **Ciência na educação de crianças e jovens neste início do século XXI no Brasil.** São Paulo: USP-Faculdade de Educação [tese de Livre Docência], 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia na formação profissional :** por que ter valores políticos, éticos e estéticos na formação profissional é importante? São Paulo: Cartago Editorial, 2017.

SILVA, Ezequiel T. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. São Paulo: Cortez, 2000.

SILVA, Márcia Cabral da. **Uma História da formação do leitor no Brasil.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

SIMÕES, Marco Antonio. **História da leitura:** do papiro ao papel digital. São Paulo: Terceira Margem, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, Ana A. Arguelho de. **Literatura infantil na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SOUZA, Ângela Leite de. **Contos de fada:** Grimm e a literatura oral no Brasil. Belo Horizonte: Editora Lê, 1999.

STEARNS, Peter. **A infância.** São Paulo: Contexto, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

_____. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

UNESCO, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável:** Objetivos de Aprendizagem, Brasília: UNESCO, 2017.

VALE, Fernando Marques do. **A obra infantil de Monteiro Lobato.** Inovações e repercussões. Lisboa: Portugalmundo, 1994.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato.** São Paulo: Traço Editora,1982.

VERSIANI, Daniela, YUNES, Eliana, CARVALHO, Gilda. **Manual de reflexões de boas práticas de leitura. São Paulo:** Editora UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012.

YUNES, Eliana e PONDÉ, M. da Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil.** São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia:** ponto e contraponto. São Palo/Campinas: Global/ALB, 2008.

ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura em crise na escola.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. (org.). **A produção cultural para crianças.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

_____. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1991.

_____. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** Trad. Jerusa pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Anexo A

Explicitação de termos em uso no contexto

Com o objetivo de elucidar alguns conceitos fundamentais para o trabalho com a literatura, foram elencados alguns termos que poderão auxiliar no processo de compreensão dos textos a serem trabalhados pelo professor.

É oportuno lembrar que tais termos devem ser utilizados para consulta e estudo do professor e não no trabalho de mediação de leitura com os estudantes das Salas e Espaços de Leitura.

Conto

Geralmente, o conto é definido em relação com outras modalidades narrativas, como o romance ou a novela, em razão de sua extensão. Importante notar que apenas a extensão do texto, geralmente menor que os outros dois gêneros citados, não caracteriza este gênero literário. Essa característica guarda relação com suas tradições ancestrais, já que nasce de forma anônima numa sociedade basicamente oral. Bons exemplos são os contos populares, maravilhosos e de fadas, derivados de fábulas e de mitos. O que caracteriza um conto de modo mais marcante é a concentração de eventos numa célula dramática, sem desdobramentos em núcleos secundários da trama, recurso esse que, pela sua linearidade, causa interesse no leitor.

Crônica

A crônica, talvez, seja um dos gêneros mais difíceis de serem definidos, dada a aplicação do termo na imprensa, no cinema, na moda. Toma-se para a literatura um tipo de texto derivado dos folhetins, não sendo considerado por muitos estudiosos como sendo, estritamente, um gênero literário. A palavra crônica deriva do grego chronos (tempo), então, essa categoria fixa a temporalidade como sua propriedade inerente e geralmente está condicionada ao contexto de sua produção, procurando levar à literatura fatos cotidianos e, portanto, remetidos à ficção.

Fábula

Em geral, o termo fábula designa um tipo de relato quase sempre breve, com desenvolvimento relativamente tenso e interpretado por personagens não complexos, como animais, por exemplo. Pode-se perceber que este gênero, bastante

ligado à pragmática, geralmente, traz, ao final, observação explícita do narrador levando a uma conclusão ético-moralizante.

Intertextualidade

Pode-se chamar de intertextualidade as relações entre os textos, já que os textos não nascem num vazio. Desse modo, os textos dialogam na cena cultural; um texto literário pode fazer alusão a um filme, assim como textos publicitários remetem à literatura, ao jornal e assim por diante. Quanto mais amplia a capacidade leitora, mais recursos o leitor tem de perceber as relações, os diálogos dos textos na sociedade.

Literariedade

Segundo autores como Todorov (2006), a literariedade pode ser entendida como as qualidades intrínsecas da matéria literária, ou seja, o que faz um texto poder ser chamado de literatura. Este termo nos remete aos formalistas russos, que procuravam respaldo não mais no referencial externo, mas sim no próprio texto; o objeto da teoria da literatura não seria o referencial, mas sim a literariedade do texto. Desse modo, para pensar em literatura, deve-se atentar em algumas características que se fazem presentes nesse tipo de texto e que o diferem de outros. Em síntese, é um conjunto de características que fazem um texto ser considerado literário: seu caráter de ficcionalidade e o uso da linguagem verbal de modo a criar um universo intrínseco ao texto que se articula com elementos internos.

Novela

A novela, geralmente, é definida como um gênero cuja extensão está entre o conto, mais breve, e o romance, mais longo. Contudo, sua principal característica é o enredo, que segue um ritmo mais acelerado, com variações de complexidade, sendo caracterizado por uma sucessividade de conflitos, que vão se conectando, em que personagens podem ser acrescentados ou retirados da trama. Na literatura brasileira, são consideradas novelas A hora da estrela, de Clarice Lispector, e O Alienista, de Machado de Assis.

Romance

O romance é uma narrativa longa de enredo complexo, que apresenta conflito com pluralidade e simultaneidade de ações num ritmo mais lento e com personagens mais densas. Apesar de se considerar que o romance mais próximo do que conhecemos surgiu no início do século XVII, com Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, o gênero atingiu a sua afirmação como espécie literária com o Romantismo, no século XIX. Muitos especialistas consideram que a prosa brasileira começou de fato a partir dessa escola literária, com os denominados folhetins.

Suporte Textual

O suporte textual[11] é a base (superfície) em que se fixa o texto para que ele possa circular num determinado meio. Evidente que cada suporte possui um formato e características específicas e, em razão disso, há necessidade de escolher qual suporte (base) é mais apropriada para a circulação (transmissão de um texto). Os suportes podem ser um livro, uma revista, um panfleto, entre outros, além daqueles trazidos pelas novas tecnologias da informação, como os e-mails, os sites, smartphones, e-readers, entre outros. Importante pensar que determinados textos também buscam suportes mais instáveis e incidentais, tais como paredes, veículos e mesmo o corpo humano, como é o caso das tatuagens.

Texto

Conforme Brandão (2004, p. 110), o texto pode ser entendido como uma "unidade completa de significação, cuja análise implica as condições de sua produção". Nesse sentido, pode-se pensar que a concepção de texto extrapola a visão de texto escrito, abrangendo os textos produzidos em diversas linguagens não verbais, tais como a música, a pintura, a escultura, entre outros. O texto pode também ser construído no espaço discursivo dos interlocutores e, por isso, entende-se que o leitor é coprodutor do texto à medida que investe o texto de significados em razão da sua história de vida e compreensão do mundo. Embora muito já se tenha falado sobre o tema, é importante destacar que o texto pode ser verbal ou não-verbal (pictórico, holográfico, entre outros).

11 No Currículo da Cidade de Língua Portuguesa (2019, p. 71), optou-se por utilizar o termo portador, "por considerar que suporte pode ter mais relação com a mídia de sustentação do portador. Por exemplo: um jornal pode ser eletrônico, falado, televisivo ou impresso; será sempre, no entanto, um jornal – como portador. Já o suporte em que esse portador é veiculado pode ser a mídia eletrônica, a televisiva, impressa ou radiofônica". Tendo em vista que a função de POSL acolhe professores de todas as áreas e que o objetivo desta seção da publicação é elucidar os termos recorrentes no trabalho com a literatura, foi mantida a denominação suporte textual.

Anexo B

Práticas e mediações para incentivar a leitura

Nas sugestões de atividades e estratégias para o incentivo à leitura que vem a seguir, procurou-se, antes de tudo, socializar algumas iniciativas bem-sucedidas nas experiências de POSLs em várias Salas de Leitura, entre outros colaboradores. Estas poderão subsidiar o planejamento de atividades ou estratégias a serem desenvolvidas com os estudantes.

Cada Sala ou Espaço de Leitura está inserido numa realidade sócio-histórico-cultural, logo, o POSL ou o professor mediador de leitura poderá desenvolver outras atividades e estratégias considerando sua realidade e o PPP.

Este documento orientador não pretende esgotar as possibilidades de atuação do POSL ou professor mediador, já que vivências e experiências estão contextualizadas num território com suas características e necessidades. Portanto as atividades e estratégias têm caráter de sugestão, e não de prescrição.

As atividades e estratégias para práticas e mediações de leitura contemplam a leitura e não a produção de textos escritos ou de outros materiais (fantoches, vídeos, entre outros), logo, as sugestões elencadas a seguir que indiquem essas produções pelo estudante são adequadas aos projetos interdisciplinares, nos quais o POSL focará a leitura do texto.

Nas possibilidades apresentadas aqui, foram pensadas atividades para o (re) conhecimento do leitor que adentra a Sala de Leitura, atividades que podem ser desenvolvidas antes do ato de ler propriamente, aquelas que podem ser feitas durante a leitura e, outras, após o ato de ler. Em todas elas, é importante que o POSL esteja atento durante o processo, seja para verificar informalmente como o leitor amplia sua capacidade leitora, seja para oferecer novos títulos e gêneros do discurso, sempre objetivando a formação de leitores plurais para a vida, não apenas para desenvolver atividades escolares ou realizar atividades dentro do ambiente das Salas e Espaços de Leitura.

Em todos os casos, há necessidade de o POSL refletir sobre a adequação das atividades ao seu Espaço ou Sala de Leitura, que se configura de uma determinada forma, porque está inserido em circunstâncias socioculturais específicas.

Outra observação importante a ser feita é que várias estratégias sugeridas podem ser complementares, podendo se tornar mais diversificadas e agradáveis para os estudantes e para o POSL. Na maioria delas, privilegiou-se a conversa após a leitura, pois interagir por meio da leitura dos textos que circulam na sociedade é a maneira pela qual se formam cidadãos mais preparados para o convívio em sociedade e para o respeito às diferenças.

Conhecendo o leitor

Nas Salas e Espaços de Leitura, são recebidos estudantes/leitores com diferentes habilidades. Mesmo o leitor que ainda não desenvolveu plenas habilidades para ler o texto verbal consegue ler o mundo que o rodeia, envolto pelas linguagens não verbais, tais como os ícones, por exemplo, bem como é capaz de produzir textos orais. As Salas de Leitura, então, devem estar preparadas para atender aos mais diversos tipos de leitor.

Rodas de conversa para que o estudante conheça a Sala de Leitura, tome contato como o POSL e conheça as possibilidades de leitura contidas no acervo são muito importantes para que o estudante seja familiarizado com um tipo de ambiente que talvez não conheça.

Para aqueles leitores já habituados com o ambiente, é importante que o POSL considere seus interesses e histórias de vida. Numa roda de conversa com o grupo, pode-se pensar em alguns pontos.

Como é a vida desse estudante que adentra as Salas de Leitura? Como são os hábitos culturais da sua família? Esses estudantes vêm de uma família leitora? O que fazem nos seus momentos de lazer? Essas são questões aparentemente corriqueiras e despretensiosas, mas contribuem sobremaneira para que o POSL conheça seus estudantes e sua relação com a leitura.

Após essa roda de conversa, talvez seja um bom momento também para abrir um livro e ler uma boa história em voz alta. Pensando na etapa de amadurecimento e na sua competência leitora, pode-se escolher desde uma simples narrativa clássica, uma fábula, ou mesmo uma crônica divertida, de modo a que o estudante perceba uma dimensão diferente da leitura daquela que está acostumado em sala de aula.

Nessas breves atividades, é importante que o POSL fique atento às reações, pois conhecer o grupo é fundamental para que, em outro momento, ele possa indicar leituras que ampliem o interesse do estudante e motive-o a buscar outros livros, outros gêneros textuais.

Descobrindo o acervo

A descoberta do acervo e suas possibilidades de leitura devem ser uma das primeiras atividades a serem desenvolvidas na Sala de Leitura. O estudante deve ter autonomia para manusear e conhecer como as publicações são diferentes e como cada tipo de texto pode comportar um tipo de escolha na sua edição.

Para tanto, o ambiente de leitura, a organização e gestão do acervo, o conhecimento das obras que fazem parte do acervo devem ser aspectos de atenção por parte do POSL, que pode separar, no acervo, livros visualmente motivadores e diferentes nos seus projetos gráficos e mostrar para os estudantes, explicando que eles possuem diferenças tanto na sua aparência (projeto gráfico), como no seu conteúdo (tipologia textual, por exemplo) e que eles também podem proporcionar sensações e conhecimentos diferentes. Desse modo, mostrar um livro científico é importante para que os estudantes percebam a diferença de um livro de literatura, no qual a formatação do texto e mesmo as imagens nele contidas produzem diferentes sensações. Mostrar um livro de imagens e um que não contenha imagens e explicar que ambos possuem textos, mas em diferentes linguagens ou formas de expressão.

Com essa breve atividade, os estudantes podem ir ao acervo e manusear os livros, observando com autonomia como eles são diferentes entre si e, desse modo, perceberem que o leitor se constrói na e por multiplicidade de textos. Essa atividade pode ser decisiva para que o estudante adquira mais intimidade e interesse pela leitura das obras contidas no acervo da Sala de Leitura.

Ao final da atividade, seria importante o POSL conversar sobre as impressões dos estudantes nesse contato com o acervo, o que eles descobriram, se algum livro chamou mais a atenção do que outros e o porquê, dentre outras possibilidades.

O POSL precisa se lembrar de que os livros também são objetos e podem despertar interesse nos estudantes pelas ilustrações da capa, pelo toque do papel em que ele foi editado e mesmo pelo seu formato, já que o interesse pela leitura de um livro pode começar por esses elementos, da mesma forma quando se vai a uma livraria e determinados livros chamam mais a atenção do que outros.

Para que essa atividade seja eficaz, o acervo deve ser dimensionado de tal maneira que todos os estudantes consigam ter à mão os livros que podem ser mais interessantes na sua etapa de amadurecimento.

Roda de conversa

A roda de conversa pode ser uma estratégia para despertar o interesse da leitura de determinadas obras, de determinados temas específicos, já que pode servir para estimular a leitura sobre um tema ou, mais importante, verificar qual a temática que está despertando o interesse dos estudantes naquele momento.

Iniciar com uma simples pergunta sobre um fato corriqueiro, sobre o que os estudantes fizeram no fim de semana ou sobre um filme em cartaz, com certeza irá ao encontro de um tema interessante para uma boa leitura.

Na roda de conversa os estudantes também podem comunicar suas impressões sobre a leitura.

Leitura de outras Artes

Esta atividade tem como objetivo levar o estudante a perceber que as artes dialogam entre si, representando os fazeres e situações sociais de modo diverso em razão de seu tempo, do contexto em que elas foram produzidas e em função da especificidade da linguagem e da matéria que se utilizam na sua concretização.

Pensando assim, a leitura de um texto pode ser precedida pelo contato com uma gravura ou uma pintura da época de construção do texto. Uma foto de jornal ou revista sobre determinado assunto pode desencadear uma roda de conversa sobre o tema e, posteriormente, um texto pode ser lido.

Trabalhando de forma a estabelecer uma comparação entre diferentes artes e linguagens, o estudante consegue situar um determinado texto num momento sócio-político-cultural e entender a razão pela qual determinadas obras possuem uma linguagem mais rebuscada ou direta; entender que os textos jornalísticos sofreram influência da transformação social e da profunda transformação das possibilidades de as pessoas se comunicarem.

Esta atividade complementa várias outras, tais como a roda de conversa, o videotexto, entre outras e, desse modo, professor e estudante podem perceber que as atividades ou estratégias de leitura são interligadas, assim como a comunicação e a divulgação de textos e discursos na sociedade.

Musicando textos

Quantos poemas já receberam melodia e fazem parte da vida? Entre eles, Camões ainda faz muito sucesso nas rádios e nas listas dos smartphones na voz de Renato Russo.

Daí a importância de conhecer os estudantes da Sala de Leitura, pois, dentre eles, pode haver um ou um grupo que tenha aptidão para a música ou que saiba tocar determinado instrumento e, sem dúvida, isso contribuiria para enriquecer esta atividade.

Muitos estudantes não sabem que algumas músicas se utilizaram de textos literários e ler o texto pode levá-los a perceber algo de familiar naquela mensagem, ou mesmo um colega pode reconhecer e, assim, o poema na sua versão musicada pode ser ouvido novamente, de outra forma, enriquecendo a leitura e chamando a atenção para o texto.

Essa atividade é importante para que os estudantes percebam que os chamados clássicos da literatura trazem questões humanas e atemporais, isto é, presentes em todos os tempos da caminhada humana; isso, por meio de uma estética que pode ir se adaptando em razão das mudanças culturais e de novos padrões estéticos, num (re)fazer constante de arte.

Na canção "Monte Castelo", Renato Russo promove intertextualidade por meio da releitura do soneto "Amor é fogo que arde sem se ver", de Camões, e da Epístola de Paulo aos Coríntios (Coríntios 13; 1-13).

Monte Castelo

Renato Russo

Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece
O amor é o fogo que arde sem se ver
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer
Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria
É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente
É um não contentar-se de contente
É cuidar que se ganha em se perder
É um estar-se preso por vontade
É servir a quem vence, o vencedor
É um ter com quem nos mata a lealdade
Tão contrário a si é o mesmo amor
Estou acordado e todos dormem,
todos dormem, todos dormem
Agora vejo em parte, mas então veremos face a face
É só o amor, é só o amor
Que conhece o que é verdade
Ainda que eu falasse a língua dos homens
E falasse a língua dos anjos, sem amor eu nada seria

Vitrine de livros

O POSL pode escolher, dentre os livros do acervo, aqueles menos procurados pelos estudantes ou os livros de autores reconhecidos pela sua qualidade, para destacar no ambiente e, assim, chamar mais a atenção deles que podem indagar o motivo pelo qual aquelas obras não estão juntas com as outras, nas prateleiras do acervo, a vitrine pode ser feita num móvel, mesa ou expositor de acordo com a possiblidade de cada sala. Na mesma perspectiva, com a chegada do acervo novo, este pode ser colocado em destaque.

Essa vitrine pode ser montada mensalmente e também pensada com o auxílio de outros professores no sentido de destacar a leitura de obras pertencentes a algum projeto da escola ou por fazerem referência a algum tema discutido pela sociedade naquele período.

Dessa maneira, uma vitrine de livros nos ambientes da Sala de Leitura tem uma intencionalidade pedagógica.

Mural de indicações

Essa atividade consiste em preparar um mural, na Sala de Leitura ou em outro espaço de circulação com o título: "indicação dos leitores". A escrita das indicações, pelos estudantes pode ser feita na sala de aula com orientação de outros professores, potencializando, alargando e promovendo a leitura na comunidade escolar, efetivando-se o caráter interdisciplinar da leitura.

Com as indicações escritas e fixadas, numa mesa ou numa estante ao lado do mural, podem ser colocadas as obras mais indicadas e, desse modo, o estudante poderá folhear o livro e tomar contato com a materialidade da obra indicada pelos colegas.

Tanto as considerações positivas como as não positivas sobre as obras são elementos importantes para discussão em roda de conversa, pois da mesma maneira que o estudante se posicionou indicando a obra, pode se posicionar não indicando. Ambas posições promovem a leitura crítica mediada pelo POSL e estudantes, um bom momento para o debate e argumentações.

Dramatização

A dramatização é um dos fazeres artísticos mais antigos e, pensando na literatura, talvez o teatro se confunda com o seu surgimento. Um dos fatores que mais atraem no jogo cênico é pensar que o teatro imita a vida no sentido de colocar seres humanos interpretando o papel de outros seres humanos. Se a dramatização é uma das artes mais valorizadas e que mais consegue encantar as pessoas, talvez seja esse o motivo de a dramatização se fazer tão presente nas escolas e em momentos de estímulo ao ato de ler.

Sem dúvida, os jogos de dramaturgia são excelentes para despertar o interesse para a leitura, já que antes de ser encenada, uma peça é escrita e, consequentemente, a leitura precede a dramatização, ou seja, a concretude dos diálogos encenados no palco pressupõe a leitura de um texto.

Apesar de ser tão valorizada e apreciada por estudantes e professores, é necessário que se fique atento para não fazer da dramatização uma das únicas estratégias de leitura, já que o gênero dramático possui determinadas características que o diferem de outros tipos de texto e, no caso de dramatizar uma crônica ou um conto, por exemplo, supõe-se uma transposição para outra linguagem, que serve para ser falada, com diálogos e marcação num determinado espaço que é o espaço cênico.

Desse modo, a dramatização pode ser uma importante estratégia no estímulo à leitura, mas é preciso compreender que nem todos os textos foram escritos com a finalidade de serem encenados, não podendo ser desprezado o texto no seu formato original, tal como o autor concebeu; além de o trabalho de adaptação solicitar atenção, já que se deve entender a adaptação como uma nova obra e, no caso de um texto não-dramático, deve-se entender como uma mudança de gênero literário e não uma simples transposição para o palco de um texto qualquer.

Nesse sentido, deve haver critérios para a escolha do texto para as atividades de dramatização, talvez começando com poemas e direcionando para o texto dramático propriamente dito.

Na literatura brasileira, há vários poemas que se tornam maravilhosos jogos de dramatização. Um bom exemplo é **Morte e Vida Severina**, de João Cabral de Melo Neto, bem como os autos de Ariano Suassuna; mesmo na literatura para crianças e jovens, há textos dramáticos importantes tais como Pluft, o Fantasminha, de Maria Clara Machado, clássico do teatro infantil.

A atividade de dramatização pode, também, ser feita por meio da recriação de uma passagem de uma novela, ou pela (re)escritura de uma crônica, entre outras possibilidades.

Há várias possibilidades de dramatizar um texto, ou mesmo contar uma história, não apenas com estudantes-atores interpretando no palco, mas com teatro de bonecos e o teatro de sombras, muito simples de serem executados, também conseguem despertar a atenção de crianças, jovens e adultos para um texto.

O importante, no caso das atividades de leitura, é que todas elas sejam estratégias para ampliar a competência leitora dos estudantes por meio da criação do hábito de ler e que pode ou não se transformar em gosto, mas que sempre é uma necessidade para o convívio social e para que se consiga realmente tornar o estudante em agente transformador na sociedade. Esta proposta articula-se muito bem num projeto interdisciplinar, **já que a produção textual não se configura como atividade da Sala de Leitura e o processo de elaboração de uma apresentação teatral demanda um tempo muito maior que a disponibilidade de uma aula semanal.**

Júri simulado

Esta atividade pode despertar a visão crítica do estudante sobre as obras lidas, sobre as escolhas do autor na resolução das tramas, bem como estimular a reflexão sobre as relações entre a representação artística da sociedade por meio da palavra escrita e os fatos e acontecimentos vivenciados na sociedade em que ele está inserido.

A atividade pode ser desenvolvida após a leitura de um conto, uma crônica, uma novela ou um romance, sendo os dois últimos os mais adequados. Caso seja um gênero menos extenso, pode ser feita a leitura compartilhada com os estudantes. Para novelas e romances, a leitura programada é a mais indicada. Em seguida, o grupo escolhe um advogado de defesa da personagem, um de acusação e um juiz, entre os estudantes. Os outros integrantes do grupo serão o corpo de jurados.

A pergunta, geralmente, pode ser no sentido de verificar se a personagem central agiu de forma correta ou não para a resolução da trama. Pode ser dado, inclusive, um tempo para que os estudantes formulem seus argumentos, podendo ser desenvolvida em duas aulas ou mais. É de extrema importância que todos os estudantes tenham lido o texto para que tenham argumentos para acusar, defender e julgar a personagem.

Estipula-se um tempo para defesa e acusação, sorteando quem começa o júri. Ao final, ficam a penas os jurados, o juiz e o POSL, que deve ficar como espectador de toda a atividade, sem interferir nas escolhas.

Resolvido o veredito, chamam-se os estudantes que estiveram no lugar do advogado de defesa e acusação para que seja lido o veredito.

Após o término do júri simulado, o POSL pode intervir colocando sua opinião sobre a atividade e o desempenho de cada estudante, sem que, com isso, ele manifeste a sua opinião como sendo a mais "correta" sobre a ação da personagem ou sobre o desenrolar da trama em questão.

Eu, personagem

Uma das funções atribuídas à literatura é a função "libertadora", isto é, ao mesmo tempo em que o leitor interage com o texto, consegue resoluções de suas questões subjetivas, isso por meio da resolução dos problemas da personagem.

Esta atividade, pode ser desenvolvida a partir de uma roda de conversa[12] utilizando textos narrativos ou poéticos, consiste em fazer o estudante/leitor buscar empatia com determinada personagem, colocando-se no seu lugar e refletindo sobre os caminhos tomados por ela no decorrer da narrativa e mesmo na solução da trama.

Pode haver uma alternância de personagens, enfocando-se ora uma personagem protagonista, uma antagonista e mesmo uma cuja participação seja de suporte ao desenvolvimento do enredo.

Com essa atividade, o objetivo é fazer com que o estudante/leitor perceba a literatura como representação da sociedade e das relações nela contidas, bem como diferenças entre a vida cotidiana, a prática social e os universos criados na e pela literatura.

12 Essa atividade pode complementar outra atividade descrita aqui: o júri simulado, pois coloca o ponto de vista da personagem, daquela que está em julgamento.

Mudando a história

A leitura de uma obra literária comporta algumas interpretações diferentes e, nem sempre, a resolução da trama satisfaz todos os leitores. Esta é a razão da proposta desta atividade.

Ela se justifica no sentido de trazer ao leitor a percepção de que ele também é um produtor de textos, investindo-o de significados em razão de sua experiência de vida, de sua visão de mundo, do universo cultural de onde ele provém e, também, da sua competência leitora, já que um leitor mais experiente consegue relações intertextuais com outros textos que já leu, com filmes a que assistiu e mesmo com algumas letras de música.

Sendo outra boa alternativa para diversificar a roda de conversa, o leitor é convidado a alterar o final de uma narrativa, apontando qual seria a sua resolução para a trama e, dessa forma, o debate entre os estudantes/leitores é estabelecido.

Nessa atividade, o POSL deve assumir a função de moderador da discussão, revelando ao estudante o conjunto de significados da obra literária e, ao final, mostrar que a autoria do texto escolheu aquele desenrolar por algum motivo estético, porque se pretendeu trazer à tona alguma discussão presente na sociedade ou muito importante na época de sua produção.

Para que seja desenvolvida em apenas um encontro, o texto a ser lido deve ser um texto com menor dimensão, como a maioria dos contos e crônicas, mas romances e novelas podem ser lidos e, em momento posterior, utilizar a aula na Sala ou nos Espaços de Leitura para essa estratégia de discussão.

A atividade aqui proposta pode adquirir um caráter bastante lúdico e divertido com crianças pequenas, como com jovens e adultos. Evidente que cada etapa de vida motiva determinadas razões para a escolha deste ou daquele final.

Literatura em códigos

Como forma de chamar atenção dos estudantes para os textos literários e ampliar os espaços de atuação da Sala de Leitura, o POSL, em parceria com o POED, pode organizar a distribuição de poemas ou microcontos selecionados pelos estudantes em atividades preliminares, como nas propostas do Jardim de Poemas e Podcast Literário, utilizando a tecnologia de QRCode.

Após a seleção dos textos nas atividades da Sala de Leitura, os estudantes transformam cada texto selecionado em QRCode no Laboratório de Educação Digital, imprimindo-os e distribuindo-os pelos espaços da escola. Assim, a qualquer momento e tendo em mãos um smartphone com aplicativo de leitura de QRCode, os textos poderão ser lidos e, também compartilhados, contribuindo para a promoção da leitura e envolvendo outras pessoas para além da comunidade escolar.

Por envolver tecnologia, provavelmente os estudantes se sentirão intrigados a descobrir o que está escondido nos códigos espalhados pela escola.

Para saber mais acesse https://br.qr-code-generator.com/ (acessado em 14.09.2020).

Podcast Literário

Esta proposta de atividade se assemelha ao Jardim de Poemas. Para realizá-la, o POSL pode desenvolver um projeto conjunto com o Professor Orientador de Educação Digital (POED) e, em companhia dos estudantes/leitores, escolher poemas ou microcontos durante uma atividade de leitura para, em seguida, realizar a gravação da leitura dos textos pelos estudantes; utilizando, para isso, o *smartphone* ou qualquer outro gravador de áudio. Posteriormente, com o apoio do POED e utilizando aplicativos de edição de áudio (WavePad ou Audacity), os estudantes editam *podcasts* que poderão ser disponibilizados on-line ou como programação da rádio escolar.

Videotexto

Com o advento das novas mídias e das novas possibilidades de comunicação pelas novas tecnologias, é muito comum encontrar estudantes gravando vídeos e inserindo os resultados nas inúmeras redes sociais da internet.

Algumas atividades, antes impossíveis de serem realizadas no espaço escolar, por dependerem de muitos equipamentos de alto custo, agora estão disponíveis em *smartphones* nas mãos dos estudantes.

O videotexto pode ser realizado por meio da leitura de vários gêneros textuais, tais como o jornalístico, o científico e o literário e pode ser de grande valia para

o entrosamento dos estudantes das Salas e Espaços de Leitura, proporcionando ricas socializações de experiências.

Após a leitura de um texto, o professor propõe a gravação de um breve vídeo em que o conteúdo e as características do texto sejam mantidos nessa nova linguagem e suporte.

Um breve conto ou crônica, uma reportagem de jornal, um texto sobre uma descoberta científica pode ser a motivação para que os estudantes busquem novas linguagens para um determinado texto escrito e, num outro momento, servir de motivação para a leitura do mesmo texto, com outros estudantes.

Essas atividades podem ser armazenadas em redes sociais e blogs, podendo ser partilhadas com outras Salas de Leitura e promovendo um diálogo entre professores e estudantes das Salas e Espaços de Leitura. Como projeto interdisciplinar, pode ser organizado um concurso de vídeo sobre um determinado assunto, envolvendo toda a comunidade.

Nessa atividade, a indicação de outros vídeos já realizados e armazenados em plataformas digitais é importante, para que o estudante também possa tomar contato com outras versões de um texto em diferentes linguagens e suportes, entendendo que os textos se relacionam no espaço social e questionam-se, reinventam-se constantemente.

Jardim de poemas

A ideia da atividade é ser feita com poemas curtos, tais como o haicai, que pode também ser chamado de "Haiku" ou "Haikai". O haicai vem a ser um tipo de poema curto, de origem japonesa e cuja palavra é constituída de dois termos, a saber: "hai" (brincadeira, gracejo) e "kai" (harmonia, realização), ou seja, tende a ser geralmente um poema espirituoso, com tom humorístico.

Esse tipo de construção textual foi criado por volta do século XVI e acabou se popularizando pelo mundo. Apesar de serem poemas concisos e objetivos, os haicais possuem grande carga poética e significativa, já que tendem a manifestar uma representação de um momento, advindo geralmente da constatação de uma manifestação da natureza ou de determinada ação/reação momentânea diante de um fato corriqueiro.

Para esta atividade, escolheu-se esta forma poética, em razão de o haicai geralmente ser lido em meio à natureza, num tom contemplativo; mas essa estratégia pode ser desenvolvida com fragmentos de poemas ou mesmo de textos.

O objetivo primeiro dessa ação é integrar o ambiente das Salas e Espaços de Leitura com o microambiente da escola, chamando a atenção de estudantes, professores e de toda a comunidade escolar para as atividades desenvolvidas pelo POSL e da capacidade que a leitura possui de modificar a rotina e, muitas vezes, o estado de espírito dos indivíduos.

Para realizar o "jardim de poemas", o POSL pode desenvolver um projeto conjunto com o professor de Artes e, em companhia dos estudantes/leitores escolher poemas durante uma atividade de leitura para, a seguir, realizar trabalhos de pintura em madeira e mesmo com materiais reciclados para serem expostos num determinado lugar na escola.

Não necessariamente essa exposição precisa estar num jardim; pode ser numa pequena floreira, ou mesmo num corredor da escola, escrito em flores ou folhas recortadas em papel, papelão e entre outros materiais recicláveis.

A atividade busca uma interlocução das atividades promovidas nas Salas e Espaços de Leitura com outros atores do espaço escolar, a fim de que toda a comunidade se envolva na importância da formação de leitores e, evidentemente, a participação efetiva da equipe gestora e dos pais dos estudantes é de extrema importância.

Há que se ressaltar que o jardim de poemas pode ser "plantado" e cultivado durante um longo período, acrescentando-se novos poemas, com a finalidade de o estudante sempre voltar a esses textos à medida que se torna um leitor mais plural.

É importante observar que o POSL deve estar voltado para a Leitura e seleção dos textos junto aos estudantes. As demais atividades podem ser desenvolvidas em parceria com os outros professores. O POSL deve tratar apenas da Leitura.

Grafite das Letras

Em parceria com a direção da escola e comunidade escolar, o "Grafite das Letras" pode ser uma boa ação para a motivação de leitura e para despertar mais interesse dos estudantes pelo espaço físico da sua escola.

Elaborada em reunião de planejamento com o conjunto de professores interessados no projeto e com a participação fundamental equipe gestora da Unidade

Educacional, o "Grafite das Letras" é uma atividade que parte da leitura de diversos tipos de texto, tais como o jornalístico, o científico, entre outros.

A proposta consiste em formar grupo de estudantes para a leitura de diferentes tipos de texto (conforme a preferência dos leitores); em seguida, o grupo esboça um projeto para determinado espaço da escola e, em um dia previamente agendado e com a presença familiares/responsáveis e professores, executa a intervenção no espaço escolar.

Devem ser estipuladas regras para a execução do grafite, pois ele deve conter, entre outros elementos, um fragmento do texto lido ou o texto completo e ilustrações representativas do tema, que podem ser desenvolvidas em várias técnicas.

Caso não seja possível a execução do grafite nas paredes externas da escola, a atividade pode ser desenvolvida no espaço da Sala de Leitura ou nos espaços das salas de aula, servindo como motivação para os estudantes participarem das atividades e perceberem que um bom leitor é um leitor plural e capaz de entender/interpretar diferentes tipos de textos em diversas linguagens e suportes.

É importante observar que o POSL deve estar voltado para a Leitura e seleção dos textos junto aos estudantes e que as demais atividades sejam realizadas com os outros professores. O POSL deve tratar apenas da Leitura.

Contação de histórias

Em sociedades tradicionais, a contação de histórias possui um poder inigualável e é a principal fonte de transmissão de conhecimento entre as gerações. Podemos exemplificar essa importância em povos africanos e indígenas, entre outros. É dessa maneira que vários mitos se transformaram em "oratura" (literatura oral) que assumiu, posteriormente, a forma de contos e sobrevive até hoje, no mundo todo.

No passado, as histórias eram contadas pela família, por parentes e mesmo por pessoas da vizinhança e, em geral, mais velhos, já que esses eram e ainda devem ser vistos como um manancial de conhecimentos e tradições.

Para que a contação de histórias seja uma atividade envolvente, antes de figurinos e adereços para complementar o ato de contar, é relevante o envolvimento do contador com a própria história e a criação de um ambiente propício para que tal atividade aconteça, ou seja, é preciso cativar a atenção dos ouvintes para que ouçam e se entreguem nas tramas desenvolvidas. Portanto, fantasias e adereços

não são mais importantes do que o ritmo da voz, que a performance do narrador que envolve seus ouvintes com emoção.

Essa atividade pode ser desenvolvida por meio da reprodução oral e de memória do texto de um livro, mostrando as ilustrações para a criança, ou mesmo fazendo uma paráfrase da obra e simplesmente dita de improviso. Importante pensar que, no último caso, não é a obra propriamente dita que o ouvinte está apreendendo, mas outro texto, com outras dimensões. **É imprescindível que, em algum momento, o contador de histórias leve o seu espectador a entrar em contato com a obra e a arquitetura do texto original.**

Essa atividade, muito importante na formação de leitores, não precisa ser executada apenas pelo POSL ou por um profissional convidado para a tarefa; pode-se deixar que o estudante conte histórias para os outros, possa tomar contato com essa experiência de maneira efetiva e, se isso for feito, ele entrará em contato com um número maior de textos e trocará experiências de leitura com os colegas que, por sua vez, também serão incentivados a ler textos para contar novas histórias.

Para os bebês e crianças, a contação de histórias com o acompanhamento do livro é de extrema importância, para que eles percebam o livro como o "lugar" da história, um lugar que ele pode revisitar sozinho e, caso não consiga ainda decodificar a linguagem verbal, refaça o percurso da leitura por meio dos textos visuais contidos na obra.

Portanto, é de fundamental importância que se percebam importantes fatores para a inserção dessa atividade na formação de leitores, desde o público espectador até o texto mais adequado para essa função e, desse modo, entender que a atividade de contar histórias não se esgota em si mesma, mas é uma ponte para outras leituras.

Consulte o acervo fotográfico disponível no Memorial da Educação Municipal da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.
educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/Memorial-da-Educacao-Municipal
Tel.: 11 5080-7301 e-mail: smecopedmemorialeducacao@sme.prefeitura.sp.gov.br

CIDADE DE
SÃO PAULO